ANO 25.º QUARTA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1945 N.º 8169

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

NO LIMIAR DA NOVA ERA

A bomba atómica

ultrapassa o poder político

e destroi o antigo conceito de segurança

(Especial para o DIARIO DE LISBOA, por lord Vansittart)

LONDRES, Agosto—No dia 7 de agosto de 1945 era dada a conhecer a noticia da primeira aplicação da bomba atómica. Uma vez terminados os reverberos do facto, havemos de ver que pusemos um fim a muito mais do que á resistencia nipónica. As consequencias politicas são proporcionais ás consequencias militares e fisicas.

Sempre e em todos os tempos nós todos nos inclinamos perante a grandeza. A base dos «Três Grandes» é o antigo culto do tamanho que foi reafirmado ao inaugurar-se a nova era. Além de outras virtudes, a Carta de San Francisco proclamou uma nova apoteosa da grandeza; e agora, finalmente e subitamente, ela revela-se uma ilusão semelhante á maior parte dos nossos credos materiais. Os «Três» ou os «Cinco Grandes» foram postos acima da lei, e o resto ficou dependente do seu veto. Agora encontram-se nivelados, acima ou abaixo. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos podem muito bem resolver guardar o segredo; mas dentro em breve ele se espalhará.

Os grandes encontraram-se em Potsdam. As suas conclusões, embora excelentes de um modo geral, acham-se viciadas pelo desprezo dos pequenos. Estes em nada foram consultados. Para as reparações devem implorar uma parte do rico. Os aliados ocidentais, renunciando a todos os pedidos na Europa oriental, continuaram e fortaleceram a tradicional heresia das esferas de influencia, nas quais os maiores sempre incluiram arbitrariamente os pequenos. O novo mundo estava assente num alicerce firme de injustiça quando em 7 de agosto esse alicerce foi abalado.

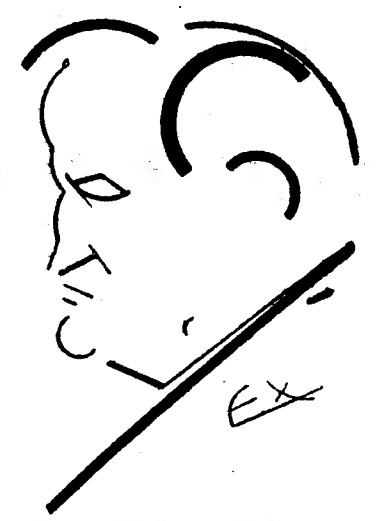
As antigas concepções da segurança

Examinemos o facto por um momento. Um exemplo bastará. Durante muito tempo baseámos a segurança no tamanho e no numero de couraçados. A primeira guerra mundial foi em grande parte causada pela resolução alemã de ter não só o maior exército, mas tambem a maior marinha. A segunda guerra mundial foi devida á sua mania de se tornar ainda maior. O feitiço da grandeza não só explicava mas justificava todos os actos. Moloch era um deus pela capacidade do seu estomago. Ser grande era um fim em si proprio, ser pequeno era um pecado que convidava ao canibalismo, Nenhuma convicção era mais firmemente defendida nem mais livremente expressada. Os alemães, apressadamente, procuravam ferragens para os seus canhões; e mesmo aqueles países que assim não faziam viam-se muito preocupados quando os seus censos diminuiam ou ficavam estáticos. Havia uma corrida, não só nos armamentos, mas tambem na procriação.

A mania dos numeros pode ser lançada para a neblina do passado. E' entre a neblina que aparecem como grandes batalhões ou grandes negocios. Esta falta de medidas do êxito, tornou-se instintiva. Dificilmente foram destrona-

(Continua na pag. seguinte)

EDOUARD HERRIOT



EDOUARD DALADIER

POLITICA FRANCESA

O Congresso

do Partido Radical-Socialista

Especial para o *Diário de Lisboa*

PARIS, Agosto.—A Itália, dizia-se noutros tempos, é mais uma expressão geográfica do que próprimente uma nação. Do radicalismo, poder-se-ia dizer, também, que é mais uma expressão politica do que próprimente um partido. Esta definição, de resto, não teria o menor sentido pejorativo. Significaria, pelo contrário, que há em França, ou antes, em grande numero de regiões francesas, um estado de espirito radical, principalmente nas províncias meridionais, no sudoeste e no sueste, nos pontos onde mais se desenvolveu a civilização galo-romana. Nessas regiões, as populações mantêm-se firmemente agarradas á predominancia do poder civil sôbre as potências confessionais e militares, a uma sólida concepção do Estado, de um Estado laico e neutro, a uma fiscalização das assembleias, ás juntas locais, quere dizer, a uma direcção do «forum» local, a um anticlericalismo que não ataca a liberdade de consciência, mas que nem por isso é menos decidido, ao respeito pela propriedade, ao prestigio da palavra mas também ao clan, ao sistema da clientela. Este radicalismo ora é liberal, ora jacobino. Corresponde com bastante exactidão ao temperamento do francês médio, com as suas qualidades e defeitos, e explica, ao mesmo tempo, as grandezas e os pontos fracos do regime em que a França viveu desde o fim do oportunismo até aos ultimos anos do período antes da guerra.

Na altura em que se reune o Congresso do partido radical e radical-socialista, parece que êste segundo está a passar por um eclipse. Os quadros estão divididos, as comissões da província desorganizadas. Tem-se a impressão de que o país espera qualquer coisa nova. Contudo, não devemos iludir-nos. Sob diversos rótulos que podem criar ilusões, o espirito radical continua a animar uma burguesia média, uma grande fracção do corpo dos funcionários publicos—o restante tendo passado para o socialismo—, uma massa agrária bastante compacta. Os delegados que estão reunidos em Paris pertencem a essas diversas categorias sociais.

Muito naturalmente, tratar-se-á, sobretudo, nestes debates, da próxima Constituição e, como é lógico, das eleições para a Assembleia Constituinte. E já começam a esboçar-se duas grandes correntes. Uma, que corresponde á tendência liberal, mantem-se fiel ás leis constitucionais de 1875, ás duas assembleias, com alguns retoques mais ou menos profundos. A outra é atraida pela concepção de uma assembleia unica e soberana, uma espécie de Convenção.

(Continua na 12.ª pag.)

Morrison encerrou o debate

na Câmara dos Comuns

falando dos problemas económicos

do após-guerra

LONDRES, 22.—Herbert Morrison, Lord Presidente do Conselho, encerrando o debate ontem á noite, na Camara dos Comuns, sôbre a posição económica do país, declarou que há seis problemas económicos principais no periodo que a nação encara imediatamente.

Em primeiro lugar, há o grave problema do potencial humano. Há igualmente o problema da reconversão e a possibilidade do desemprêgo. Haverá bôlsas de desemprêgo, que hão-de apresentar dificuldades e o problema terá de ser encarado juntamente com a escassez de mão de obra, no conjunto, durante o periodo limitado de transição.

O ponto seguinte, é a situação economica do ultramar. A Grã-Bretanha acomulou dívidas de esterlino durante a guerra e estava nessa altura muito longe de pagar tudo. Deve por isso dar, antes de mais, a prioridade ás exportações e economizar nas importações tanto quanto lhe for possivel razoavelmente, para poupar divisas estrangeiras, mesmo que haje abastecimentos ultramarinos para venda. Tudo isto necessita, inevitavelmente, de continuação e possivelmente virá intensificar a austeridade e o consumo.

Morrison tratou depois da escassez mundial de géneros alimenticios e da escassez do carvão, nêste país e em tôda a Europa. São pontos que não devem perder-se de vista.

Falou depois da necessidade de evi-

(Continua na 12.ª pag.)

Ressurreição

Para compensar, em pura alegria de arte, a imensa dôr da tragédia qe viveu, Paris só encontrou a obra e o génio de Shakespeare. Não é que á França, de qualquer modo, faltem escritores, poetas e musicos, bem capazes de lhe fazer esquecer, pelo privilégio e pelo sortilégio da sua grandeza e da sua glória, a calamidade sem par que foram a violência e as misérias da ocupação. Mas, perante as angustiosas recordações que elas deixaram, perante êsse mundo, êsse universo de torturas, de vexames, de cóleras retraidas, de aflições mudas e de infinitas maguas —noutro universo era preciso mergulhar, num universo de inconsutil e imarcessivel beleza, ao querer esquecê-las, transcendê-las e superá-las de vez. E mais vasto, mais profundo—«un poète est un monde enfermé dans un homme», clamou Victor Hugo—mais ressoante de vozes consoladoras ou de vibrações fraternas a todos os sentimentos, a tôdas as aspirações, a tôdas as melancolias e a tôdas as esperanças do homem, nenhum outro universo iguala áquele que na poesia, no lirismo de Shakespeare vamos encontrar. Escolhendo-o, elegendo-o como supremo viático no seu já firme caminhar para o dia feliz de amanhã, Paris e os seus meios cultos, são mais uma vez um exemplo e um modelo a seguir. A grandeza da sua ressurreição reclama, exige a grandeza shakespeareana, onde, através da qual, os mais variados e complexos ritmos do sonho, do amor, do desejo e da energia, da duvida e da incerteza também—quer dizer, de tudo quanto é vida a madrugar ou a ambicionar, a cantar ou a chorar, a sorrir ou a palpitar—prodigiosamente se erguem e se afirmam em figuras e em imagens eternas.

No teatro ou em livros, Shakespeare, de facto, conquistou há pouco em Paris uma aura excepcional, merecida aliás, cuja explicação porventura residira, em parte nêste comentário recente dum critico:—«na ultima cena de tôdas as tragédias de Shakespeare surge sempre, no fim de contas, um sobrevivente que proclama a realização duma justiça definitiva e sem perdão». Justiça que a França pede, de que a França necessita para seu equilibrio moral, e intelectual, depois da tormenta que a assolou e devastou. Não só justiça, porém, ensina o feiticeiro génio de Shakespeare. Justiça contra a iniquidade, a traição, a opressão e a mentira. E, ao mesmo tempo, na bôca dos herois e das heroinas os seus dramas imortais, êsses alados canticos de fé, êsses dôces trenos de saudade, êsses vigorosos e inexcediveis apêlos de sublimidade e de coragem varonil, que uma cidade, que uma nação a renascer das cinzas do próximo e odioso passado, entendem e reaprendem com a certeza intima de se entenderem e reaprenderem a si mesmas.

JOÃO DE BARROS

Agentes da Gestapo fuzilados

OSLO, 22.—Comunicam da cidade norueguesa de Trondheim que foram ali fuzilados 10 agentes da Gestapo, depois de terem sido condenados á morte por um tribunal militar. Durante o julgamento ficou plenamente demonstrado que os referidos 10 elementos assassinaram mais de 50 patriotas noruegueses, durante o periodo de ocupação da Noruega pelas tropas alemãs.—(U. P.).

DE LUTO

Alberto Agatão Lança

SANTA CRUZ DO DOURO, (Baião), 22.—Na freguesia de Viariz foi a enterrar o corpo do sr. Alberto de Castro Agatão Lança, irmão do sr. Armando de Castro Agatão Lança. O saudoso finado teve a acompanhá-lo á ultima morada numerosas pessoas. O funeral saiu da Rede,, passou pela casa de Noselhães e dirigiu-se ao cemiterio de Viariz. Ali, o sr. dr. Alvaro Monteiro de Queiroz traçou, em comovidas, mas expressivas frases, o perfil do chorado extinto.

Padre Alvaro Gomes Soares Vieira

AROUCA, 22—Vitima de congestão cerebral, faleceu, repentinamente, o rev. Alvaro Gomes Soares Vieira, de 68 anos de idade, que paroquiou, durante 25 anos, a freguesia de Santa Marinha de Tropêço, onde gozava de gerais simpatias, motivo pelo que a sua morte foi muito sentida.

SUFRAGIOS

Menino Frederico Sales Pereira Marques

Passando hoje o quinto aniversário do falecimento do menino Frederico Sales Pereira Marques, o seu avô enviou 50 escudos para os pobres do «Diario de Lisboa».

Pequenas notícias

do estrangeiro

A Rádio de Bruxelas anunciou que foram descongelados os fundos italianos que haviam sido congelados após a libertação do país. Os seus legitimos possuidores podem de novo empregá-los.

Mais polacos assassinados

durante a ocupação da Polónia

LONDRES, 22.—Os jornais desta capital informam que nas proximidades da cidade polaca de Cracovia foram descobertos tumulos contendo os corpos de 8.000 homens, mulheres e crianças, que foram abatidos a tiro.—(United Press).

Entrega de credenciais

Em audiencia especial, o sr. Presidente da Republica recebe no proximo sabado, á tarde, os novos ministros da Venezuela e da Republica Dominicana, que vão entregar as respectivas cartas credenciais. As cerimonias realizam-se no palacio de Belem, sendo recebido primeiramente, ás 15 horas, o diplomata venezuelano e depois, cêrca das 16, o ministro da Republica Dominicana.

O crime do Parque Eduardo VII

O sr. tenente Pereira Graça continua as suas investigações sobre o crime ocorrido no Parque Eduardo VII, de que foi vitima o treinador do Sporting, Joaquim Ferreira.

A Policia de Investigação está a proceder a diligencias para a descoberta do autor ou autores do furto do aparelho de telefonia que foi roubado ao automovel do sr. Jaime Dourado e levado para o Parque Eduardo VII.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável ámanhã em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

NORTE e CENTRO—Vento WNW moderado a fresco e aguaceiros fracos durante parte do dia. Pequena descida de temperatura.

SUL—WNW fraco moderado. Temperatura sem modificação.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, até ás 16 horas, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: *máxima, 25°,2; minima, 18°,4.* No mesmo dia do ano passado: *maxima, 24°,6; minima, 15°,8.*

A bomba atómica

e o poder político

(Continuação da pag. anterior)

dos os falsos deuses da Alemanha, mas os Estados Unidos desejam mais bases para os seus couraçados prateados ou para os poderosos vecuilos, e a politica sovietica procura mais 200 milhões de potencial humano satélite, e a Imprensa sovietica frisa a necessidade do aumento da fôrça militar. Aumento, nesta altura? Para quê? E' a velha obsessão, nos espiritos e nos lábios. A resposta surgiu prontamente e de uma só vez: vaidade das vaidades. O potencial humano é obsoleto.

Pensemos mais uma vez neste mês memorável. Durante a guerra Churchill referiu-se repetidas vezes á capacidade superior e ao numero dos «nossos grandes aliados»—os pequenos eram mencionados de passagem—e daí tirava certas conclusões. O raciocinio cru é o seguinte: a Russia 180 milhões, os Estados Unidos, 140 milhões, a Grã-Bretanha, 47 milhões, e assim por diante.

Agora é de outra fôrma. Sempre que esse criterio era empregado eu retraia-me, não por que nós, que somos um país relativamente «pequeno», tenhamos contribuido menos para a cultura do que a Russia e os Estados Unidos, mas porque o critério era falso e em vésperas de ir pelos ares. De facto já explodiu.

Outros discorreram sobre as suas consequencias palpáveis para a industria e a guerra. Eu falo dos seus resutados na poilitca, que muitas vezes é um fio tão impalpavel que se torna imperceptivel. A' luz do clarão que iluminou a ceguinha em Albuquerque, a 170 quilómetros da cena da primeira experiencia—e podemos ver nisto um simbolo que ultrapassa São Paulo—muitas coisas se nos mostram claras como o dia, no meio da escuridão que sobrevive no fim desta guerra odiosa.

O átomo—a ultima palavra

A primeira delas é que os velhos feitiços se dissolvem no ar. Muitos e grandes ficam sendo de nenhum valor. De que serve reunir os homens, armá-los até os dentes, se um átomo, afinal de contas, tem a ultima palavra? Todas essas massas apenas produzirão mais estilhaços. Para quê tentar aumentar a expansão e o dominio de mais povos, uma vez que afinal todas as munições do canhão foram substituidas apenas pelo simples átomo?

Em consequencia disso não fica de pé nada da antiga noção de segurança. Mudámos tudo isso e para melhor. Muitos não mais encontrarão salvamento nos Estados amortecedores ou protectorados, ou esferas de influencia, na anexação das pequenas terras dos outros, na absorção dos vizinhos ou em impor-lhes sistemas estranhos. Nós todos prometemos na Carta do Atlantico descartarmo-nos dessa ilusão; todavia, até voar em estilhas com a explosão, isso nem sempre se praticou. O resultado deve ser uma reforma da moral internacional, e Deus bem sabe que essa reforma era necessaria. Só muito lentamente conseguimos compreender que nenhuma sociedade é saudavel a não ser que se baseie na igualdade individual. Nós não praticamos a igualdade, nacional, embora a tenhamos proclamado na declaração de Moscovo. Agora estamos mais perto de a alcançar. Algumas das pequenas nações têm uranio. Este pouco diz muito.

A salvação está no maior respeito do forte pelo fraco

Segue-se daqui, ou melhor, há-de seguir-se, que se a salvação existe, se os homens forem capazes de compreender—e nunca o foram ainda, e poucas possibilidades têm de o ser—que ela existe de facto, se acha num aumento da delicadeza, no afastamento de todo o orgulho da comunidade, num maior respeito do forte pelo fraco em todos os sentidos. O tamanho tornou-se inutil, e pode dentro em breve achar-se que êle nada mais representa do que um objectivo maior. Os grandes precisaram que lhes fôsse recordada a moral da fábula de La Fontaine, em que se diz que «muitas vezes alguém precisa de outrem mais pequeno». O que se dizia de um leão é igualmente verdade se se tratar de uma águia ou de um urso. Dentro de um quarto de século os «Três Grandes» serão um mito, e a noção das grandes potências, causa primeira da guerra, estará catalogada e perdida no meio de uma potência incomensuravelmente maior.

Em nome da velha tese de defesa própria, a História registou e condenou uma série de procedimentos indefensáveis que se prolongaram até a véspera do dia 7 de agosto de 1945. Durante tôda a guerra declarou-se descaradamente e paradoxalmente que a era dos pequenos Estados terminara com o principio da guerra dos homens pequenos, porque sem duvida não podiam fazer armas bastantes para se defenderem a si próprios. (Contra quem?) Os economistas progressivos proclamaram bem alto o velho encantamento. E tudo isto numa luta que dizia ser para pôr termo ao poderio da política! Contra essa doutrina protestei eu em discursos e em artigos. Agora tenho a resposta: As maiores hostes ficam por isso iguais, posta: As maiores hostes nada podem contra um grama da nova revelação. Os homens ficom por isso iguais, mesmo que tenham nascido em fronteiras estreitas. Uma tal coisa nunca antes se sonhara. Infelizmente não foi a guerra, mas a separação nuclear, que veio mudar o espírito, o que é talvez o meio mais seguro de mudar o coração.

A libertação do medo

Pensemos de novo, e desta vez sôbre um caso presente e prático. Um exemplo unico bastará. Após os sofrimentos da Russia, compreendemos nós todos muito bem os seus pedidos de segurança. Forçamos mesmo as nossas consciências para nos condoermos. Os nossos escrupulos surgiram tão sómente porque se seguiram as velhas linhas da precaução. Eu ouso predizer, com tôda a deferência, que o padrão estabelecido na Europa oriental e na Asia há-de ser transformado em benefícios, a uma luz cientifica doze vezes mais brilhante do que o sol.

Das quatro liberdades, a mais necessária é a libertação do mêdo. Falsamente encarada, esta nova e terrivel fôrça póde aumentar os receios que pesam sôbre os homens. Obsecada desta forma, a humanidade deve eventualmente sucumbir a um colapso nervoso, no caso de não ser físicamente aniquilada. Mas compreendido e encarado como deve ser, o clarão iluminador póde mostrar-nos um ponto de viragem para a salvação. Uma perspectiva diversa se póde distinguir, com um mundo igualado onde os interesses ultimos de cada um, sem olhar á sua extensão geográfica, não sejam dominar mas conciliar e congressar. Quem sabe qual o poder que a mão pode e mbreve manobrar? Durante um milhão de anos o homem foi evolucionando para um estado em que a aglomeração mais fraca das criaturas humanas recusasse ser arregimentada como formigas ou como abelhas, mas reclamasse a unica, verdadeira liberdade: a de agir e pensar por si mesma. Nenhum poder da terra póde deter essa evolução que foi agora reforçada. Um poder sábio reconhecerá que os habitantes da esfera devem inevitavelmente rejeitar a falsa liberdade que tão livremente agora se lhes impôs. Têm na mão um meio de protestos que troça da bomba anti-diluviana do anarquista.

Que a grandeza saiba aproveitar o aviso. Só um mundo de respeito e conciliação póde sobreviver; o seu predecessor foi-se.

«Olhai tôda a nossa pompa de ontem:
«E' como a de Tiro e dos assirios.
E pensar que algumas pessoas chamaram reaccionário a Kipling!

(Reservados todos os direitos de publicação).

LORD VANSITTART

Almoços e jantares-concerto
no CASINO DE SINTRA
diariamente

O PORTO pelo telefone

O assoreamento da barra do Douro

PORTO, 22—De acôrdo com o resolvido na ultima reunião das forças vivas da cidade, efectuada no palácio da Associação Comercial, sôbre o magno problema da impraticabilidade da barra do Douro, devido ao seu quási completo assoreamento, realiza-se, amanhã, nova reunião, para ser dado a conhecer aos seus assistentes o texto da representação que, em nome da cidade, vai ser enviada ao ministro das Obras Publicas.

A reunião de amanhã promete ser muito concorrida.

Congresso dos Bombeiros

Já se encontram no Porto, de passagem para Coimbra, alguns representantes de algumas corporações dos bombeiros do norte, que se dirigem áquela cidade, a fim de assistir ao Congresso Extraordinário dos Bombeiros Portugueses que tem por objectivo o estudo e a apreciação de um regulamento geral. Foi há dias solicitado e espera-se que seja deferida pela entidade competente, a autorização do livre transito das viaturas de bombeiros durante os dias do congresso, a fim de que áquele não falte a assistencia das corporações afastadas do caminho de ferro.

INDIGESTÃO

O ácido da indigestão ataca sem aviso prévio. Precisa de um remédio prático — sempre pronto onde quer que se encontre, em casa, na rua, no cinema ou no seu trabalho.

As Pastilhas Rennie respondem a estes requisitos. Nem demoras nem necessidades de água. Ao primeiro sintoma de dor de estomago, chupe duas Pastilhas Rennie como se fossem caramelos, uma logo em seguida á outra.

Rennie chega-lhe ao estomago com toda a sua força; neutraliza rapidamente o excesso de ácido. As dores produzidas pelos gazes e pela acidez diminuem. O estomago sente-se confortado, dulcificado. Raramente precisará tomar mais de duas Rennie para lhes sentir os efeitos. Rennie é um remédio inglês muito recomendado contra a indigestão.

Compre um pacote ainda hoje na sua farmácia.

LUSO ÁS 21,30

Maria Fernanda *Joaquim Ramos*

FORMIDAVEL ESPECTACULO DE FADOS E VARIEDADES, com nova exibição do apreciado TRIO RIBERIZ. REAPARIÇÃO do pequeno fadista Joaquim Ramos, que com Maria Fernanda apresentará o dueto, original de Norberto Ferreira *ENSAIO DE AMOR* Magnifico conjunto artistico com MANUEL DOS SANTOS, Maria Emilia Araujo, José Castro, Raquel de Sousa, Eduardo Janeiro.

AMANHÃ, 5.ª FEIRA, SESSÃO DA MODA. Estreia da nova artista de variedades, CESALTINA SANTOS.

Eloisa y Larriut no
Espelho d'Agua—HOJE

FEIRA POPULAR DE LISBOA
HOJE — 4.ª FEIRA — HOJE
Continuam em grande animação
A RIBEIRA MISTERIOSA
e todas as atracções da maior categoria internacional.
Amanhã, 5.ª feira
DOIS GRANDES ATRÁCTIVOS
GRANDIOSO SORTEIO
de uma maquina de costura da afamada marca sueca
«HUSQVARNA»
por todos os visitantes, cujos bilhetes de entrada serão, para o efeito, numerados.
UMA FORMIDÁVEL CORRIDA
com todos os criados de mesa da Feira, que, com as suas bandejas e respectivos serviços, disputarão um campeonato de malabarismo.

TODOS OS DIAS
NO CASINO DE SINTRA
ALMOÇOS—JANTARES-CONCERTO — MUSICA DE DANÇA
— HOJE —
NOITE DA MODA
BAILE e VARIEDADES
— SABADO —
JANTAR A' AMERICANA
Baile com Cotillon e Variedades

RETIRO DOS MARIALVAS
A'S 21 H.

Fados e Guitarradas com Guiomar da Conceição, Cidaliza do Carmo, Alberto Cardia, José M. do Amaral e Alvaro Rodrigues.
G. Conceição ENTRADA FRANCA

PNEUS

Troco quatro de 550X17 e um de 600X17, embalados, origem brasileira, por cinco pneus novos para Citroen. Resposta á Administração do «Diario de Lisboa», a J. S.

Teatros e Cinemas

EFEMÉRIDES

1911: Morre o escritor e jornalista Alberto Braga, que escreveu três peças, representadas no teatro D. Maria, sendo duas delas muito discutidas. Intitulavam-se «A estrada de Damasco», comédia em 4 actos; «A Irmã», drama em 4 actos, e o «Estatuário», drama em 4 actos. Escreveu também, em francês, a comédia em 1 acto «Le Buste», que depois traduziu em português e foi representada pela companhia Lucinda Simões-Cristiano de Sousa. Para a mesma emprêsa traduziu a «Francillon» de Dumas (Filho). Alberto Braga nasceu no Pôrto, a 4 de outubro de 1851.

Hoje, última de «Dominó»

Dá esta noite a ultima representação, no teatro Avenida, a encantadora comedia de Marcel Achard, «Dominó», acêrca da qual Luiz Francisco Rebelo escreveu na «Acção»:

«...Uma história deliciosamente contada, através de cenas de excelente sentido teatral (como sejam todas as do ultimo acto) e de um dialogo luminoso. Um dialogo que cumpre em absoluto a sua missão de «evidenciar facetas das personagens em perfeita concordancia com a posição que elas ocupam no conflito».

E mais adiante:

«Felicitamos Brunilde Judice e Alves da Costa por terem posto em cena a peça de Marcel Achard; e felicitamo-los também pelo modo como, ambos, a desempenharam. Seja-me licito destacar Alves da Costa—que teve, no papel do protagonista, uma das mais perfeitas interpretações que lhe conheço. Toda a curiosa psicologia de «Dominó» foi por ele subitamente expressa—desde a sua primeira entrada em cena até ao descer final do pano. Jouvet (criador do papel em França—como o foi de «Jean de la Lune» e de «Pétrus», parentes próximos deste «Dominó») deve—suponho—ter colocado a personagem mais distanciada do real; mas Alves da Costa, se nos deu um «Dominó»; voando sempre vizinho da terra, no entanto não assassinou o que na figura havia de sonho. A seu lado, Brunilde deu-lhe—com distinção e elegancia—a réplica devida».

Atrás do reposteiro

E' definitivamente na sexta-feira a representação da peça «A Serpente», no Avenida, com Brunilde Judice e Alves da Costa nos principais papéis, sendo os restantes desempenhados por António Sacramento, que foi o ensaiador, Holbeche Bastos, António Cruz, Dulce de Oliveira, Helena Barros e Olga França.

—O maestro-compositor Belo Marques recebeu um convite para ir trabalhar para Joanesburgo.

—A companhia do Teatro do Povo dá no sábado e domingo espectáculos em Vila Pouca de Aguiar, terminando a «tournée» no distrito de Vila Real e seguindo para o de Braga.

—As artistas da rádio Irmãs Meireles foram há dias ao Caramulo cantar para os doentes internados no Sanatório.

—A actriz Leonor Maria foi convidada para interpretar o papel de «Tricana Leonor» no filme «O Trinca Fortes», que inicialmente estava destinado á sua colega Linda Miranda.

—Os Irmãos Galhardos estão a traduzir a peça americana «There is a family», de P. H. Ephrom, que foi um grande êxito de Nova York.

—E' possivel que no principio do próximo ano se represente num dos teatros de Lisboa a opereta «Maria Vitória», inspirada na vida daquela conhecida actriz popular.

Teatro em Espanha

Estrearam-se há dias, em Madrid, três obras: a comédia «Entiende usted de mujeres?» de José de Lucio, pela companhia de Pepe Alba; «Alza la frente, mujer», de Sanchez Prieto, no teatro Cómico; e o drama «Venganza oriental», adaptação do inglês e representado pela companhia de Rambal, no Coliseum.

—«Trónio de España» é o título dum grande espectáculo de variedades em cena no teatro Reina Vitória, de Madrid, que tem a dirigi-lo os artistas Assuncion Granados e Carmela Montes. Entre vários elementos faz parte da companhia a parelha de baile Otero-Esparza.

Primeiras exibições

«Casamento a prestações», no São Luiz

Vê-se com muito agrado a comédia que o São Luiz nos dá agora com o título «Casamento a prestações». As situações cómicas sucedem-se e o diálogo é permanentemente espirituoso. Charles Lamont realizou com bom humor e certa elegancia, e contou com um elenco animado: Diana Barrymore, da família dos célebres actores, e boa actriz ela própria, ainda á espera dum «papel»; Robert Paige e Louise Albriton, muito elegante; Walter Abel, George Bolenz, Rex Ingram e Ernest Truex.

Entre os complementos figura um documentário acêrca da condução do petróleo durante a guerra, um jornal também da guerra, curiosidades e uma boa orquestra, com bons cantores, entre êles os quatro negros.—«*Visor 55*».

RECINTOS DE DIVERSÕES

A celebre parelha de bailes internacionais Eloisa y Larriut de passagem em Lisboa, donde parte dentro de dias para a Argentina, actuarão hoje no «Espelho d'Agua», onde a entrada é gratuita, a-fim de tôda a gente poder assistir á sua exibição.

NO COLISEU

Os dois grandes filmes «Gente do Mar» e «Caçador de Notícias»

Só hoje á noite e amanhã em «matinée» e á noite serão exibidos no Coliseu êstes dois grandiosos filmes, que têm chamado ao Coliseu enorme concorrencia. Nunca a epopeia maritima foi apresentada como agora se apresenta no Coliseu. Por isso o publico tem aplaudido com o maior entusiasmo este programa que amanhã se despede.

—«O Corsário negro» é o titulo do filme que se estreia na próxima sexta-feira no Coliseu, em 24 partes.

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«Dominó».
VARIEDADES—A's 21 e ás 23—«Chuva de filhos».
APOLO—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«Nazaré».

CINEMAS

S. LUIZ—«Casamento a prestações».
TIVOLI—«A mulher serpente».
EDEN—«O idolo do publico».
POLITEAMA—«Asas da vitória».
COLISEU—«Gente do mar».
OLIMPIA—«O dragão negro».
ODEON—«Na pista das Estrêlas».
CAPITOLIO—«Ao redor do Mundo».
PALACIO—Na pista das Estrêlas».
REX—«Ela e os seus milhões».
TERRASSE—«Bucha e Estica mestres de dança».
LYS—«Bucha e Estica mestres de dança».
SALÃO IDEAL

HOJE EM NOITE DA MODA
Pavilhão Português
apresenta o grande cantor português **ALBERTO RIBEIRO**
e as atracções: **ARGENTINO** e **MANENA** — **CARMELITA DE CORDOBA—PEPITA RUIZ**
as famosas Orquestras **SOUSA PINTO** e **MIURAS DE SOBRE**
No écran: Uma das maiores histórias contemporaneas
A Ponte de S. Luís Rey
AMANHÃ estreia de **HERMANAS SOLER**

Tôdas as noites depois das 0.30
SEVILHA (O PARAÍSO DE LISBOA)

WONDER-BAR
DO CASINO ESTORIL
JUSTO BARRETO
ESTA NOITE AO PIANO

ROSA ARAUJO
JANTARES COMPLETOS
Á 18$00 POR PESSOA
R. S. NICOLAU, 48

Berta Cardoso

Monumental
Largo Mendonça e Costa, 9 a 11
Rua Carvalho Araujo, 2 a 12
NOITE DA MODA

Moisés Campelos

Hoje, DAS 22 A'S 2 HORAS da madrugada, cantam a CONSAGRADA e classica actriz BERTA CARDOSO, a VOZ mais LINDA de todos os tempos, artista de privilegiados recursos e DISTINÇÃO. MOISES CAMPELOS, cantor de grande categoria e BELEZA ARTISTICA e os apreciadissimos e distinguidos EMILIA PEREIRA, MARIA DA SAUDADE, ROLANDA RODRIGUES, CARLOS LOURENÇO e MARIO JOSÉ PANINHO. Solos de GUITARRA e VIOLA por FRANCISCO CARVALHINHO e PAIS DA SILVA. NOITE da MODA, no acreditado MONUMENTAL, é sempre de espectativa e bom gosto. A «SOIRÉE» de hoje, é na encantadora ESPLANADA do seleccionado MONUMENTAL. Caso o tempo não permita, efectua-se no CONFORTAVEL SALÃO de FESTAS, no mesmo edificio. MONUMENTAL, tem ARTE, ORDEM e SELECÇÃO.

AVENIDA TELEFONE 2 7273
ULTIMA NOITE às 21 e 45
A comédia em 3 actos de Marcel Achard
DOMINÓ
tradução de Norberto Lopes
desempenhada pela companhia
Brunilde Judice-Alves da Costa
Sexta-feira, 24: A representação da peça A SERPENTE.

APOLO 2—SESSÕES—2
A's 20 e 45 e ás 22,45
Grande sucesso da inesquecivel opereta da graça, emoção e alegria
Nazaré
Irene, Herminia, Costinha, Santos Carvalho, A. Machado, Luiza Durão, A. Reis e Maria Clara nos principais papeis

São Luiz
T. 27172—A.s 9.30
Casamento a prestações
(THE FIRED WIFE)
com Diana Barrymore, Louise Albritton e Robert Paige

TIVOLI
A's 21 e 45
TELEF. 50595
2.ª SEMANA
A Mulher Serpente
(COLORIDO)
com MARIA MONTEZ — Jon Hall — Sabu — Lon Chaney

VARIEDADES 2 SESSÕES A's 21 e ás 23
A hilariante comédia musicada em 2 actos
CHUVA DE FILHOS
Com Mirita, Vasco, Alvaro Pereira, Eunice Muñoz, Barroso Lopes, Maria Fernanda, Carminda Pereira, Isabel de Carvalho, Hortense Rizzo e João Pio

POLITEAMA
SIC TEL. 26305
Hoje, A's 21 e 30
ULTIMA
Asas da Vitória
com Ann Sheridan, Dennis Morgan e Jack Carson

EDEN
A's 21,30
Telef. 2 0768
2.ª SEMANA
O idolo do publico
com Errol Flynn, Alexin Smith, Jack Curson e Alas Hale
«Matinées» diárias

ODEON
A's 21 e 30
ESTREIA
Na pista das estrelas
com Virginia Weidler, Lana Turner e William Powel

PALACIO
A's 21 e 30
Plano de destruição

CAPITOLIO
Telef. 27493
No Salão ás 21 e 15
Ao redor do mundo
O homem que vendeu a alma
No Terraço, ao ar livre, ás 21: Ao redor do mundo. — Bailados por Anita Sansano
Concerto pela Orquestra CARAVANA

LYS
Tel. 48560
As 21 e 15
Bucha e Estica mestres de dança
NAMORADA

TERRASSE
Telef. 20917 — A.s 21 e 15
Bucha e Estica mestres de dança
NAMORADA

REX
Telef. 29656
A's 21 e 15
Ela e os seus milhões
A pantera

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Dois sem juizo
com William Holden

PEÇAM PORTO
POÇAS JUNIOR
Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.ª
Rua da Rosa, 198—Telef. 25565

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

DANCING AO AR LIVRE GRANDES ATRACÇÕES
DECK BAR / TERRAÇO DO CAPITÓLIO
(Organização MIAMI)
A's 0,30 horas
Orquestra CARAVANA

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL
Apresenta um grandioso programa de atracções internacionais e duas orquestras de ritmo moderno
THE DIXIE BOYS COM A VEDETA DE JAZZ MARY-MERCHE E ARCADIA

VIDA literária

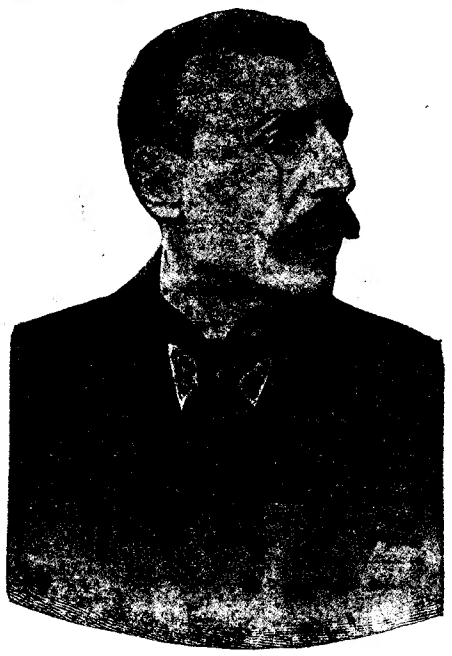
O ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ (I)

O RELEVO

por **Pedro Mayer Garção**

Dá-se o nome de Eça de Queiroz ao maior estilista da lingua portuguesa. A palavra escrita tem nêle, entre nós, o mais primoroso cultor. Tôdas as qualidades que dão prestigio á prosa, a riqueza, a clareza, a finura, delicadeza e a graça, concorrem na pêna do excepcional artista que exerceu e ainda exerce enorme influência nas gerações literárias sobreviventes, ansiosas do escrever á Eça, comentar á Eça, dialogar á Eça—ter o talento do Eça.

Eis como se exprime João Chagas, a pessoa, quanto a nós, que mais penetrantemente o definiu e que Philéas Lebesgue considera «*un de ses meilleurs disciples*»: «Em português, não houve nunca quem escrevesse como êle. Ramalho, êle próprio, muito mais genuinamente português do que êle, herdou do génio literário nacional a abundancia e a bravura que nêle desaparecem. O estilo de Queiroz não tem entusiasmo. A sua pêna não corre após o arrebatamento; pacientemente, com pausas e vagares, procura atingir com intensidade e escrupulo êsse tipo de suprema beleza verbal a que



EÇA DE QUEIROZ

êle chamou, pela boca de Fradique Mendes—«uma prosa como ainda não há». Exacto.

* * *

Para não alongar muito estas notas, vejamos desde já algumas particularidades do estilo do prodigioso escritor. *Estilo* tomado aqui não no sentido filosófico que Fidelino de Figueiredo lhe assinala: «*uma visão simplificadora e deformadora do mundo e da vida*», mas apenas no aspecto restrito da técnica linguistica. E' certo que as joias destacadas de um diadema pouco ou quási nada dizem da beleza do conjunto a que foram subtraidas; mas terão ao menos o mérito de mostrar a predilecção do joalheiro pelos reflexos peculiares que isoladamente irradiam.

1)—Quando quere empregar dois adjectivos, fá-los principiar com muita frequência pela mesma consoante, mais raramente a mesma vogal.

Exs.: *arrastado e aturdido* (C. 269); *beata e babosa* (R. pref.); *curta e clássica* (M. 1.º v. 29); *cheias, cheirosas* (P. B.º 448); *distraido e desdenhoso* (R.242); *enorme e estranha* (M. 2.º v. 225); *frios e ferozes* (R. 454); *grandes e gordas* (C. R. 396); *hospitaleira e histórica* (P. B. 162); *inertes e inevitáveis* (C. e S. 218); *gritos aflitivos de qlem estava a apanhar panvivia lá dentro com a mulher e trê filhos, um provação publica. Ninguem tem cllpa de ser longos e lentos* (N.C. 310); *moles e mudas* (C. 192); *nevada e nobre* (P.B.º 436); *profunda e perpétua* (C. 24); *redondas e róseas* (C. 326); *sagazes e subtis* (C. 90); *turva e tarda* (C. 173); *velho e valente* (U. P. 258).

2)—Igual preocupação em dois substantivos.

Exs.: *buxos e bandeiras* (C. R. 514); *ciprestes e cedros* (R. 220); *desgosto e doença* (P. B.º 623); *lenços, luvas* (P. B.º 368); *malas, menino* (P. B.º 378); *prédios e pratas* (R. 474); *sombra e silêncio* (C. R. 508); *teatro, tipoias* (P. B.º 554); *uivos, urros* (M. 2.º v. 475); e ainda: *borrões de bronze* (M. 2.º v. 477); *cimo dos cerros* (R. 219); *coros de catedral* (M. 2.º v. 485); *delicia de dominio* (C.R.410); *flutuação de um fumo* (P. B.º 469); *gole de grog* (M. 1.º v. 184); *luz de lanternas* (Mm. 84); *melancolia das multidões* (Mm. 72); *noites de noivado* (M. 2.º v. 170); *pátios de pedra* (M. 2.º v. 478); *rumor de ramagens* (M. 1.º v. 64); *silêncio de solenidade* (M. 1.º v. 154); *tumulto*

(Cont. na 9.ª pag.)

CARLOS SOMBRIO

UM NOVO ROMANCE

«Torturadas»

de Carlos Sombrio

Carlos Sombrio, estilista apurado, de um romantismo tão generoso, como profundo de sensibilidade convivente, publicou agora um romance, «Torturadas», que se lê, com vibrante interesse. O conflito é de uma intensidade singular. Dir-se-ia um feixe de novelas, visto que o autor nos dá uma série de cartas, que são outros tantos casos femininos, onde se contêm verdadeiras revelações psicologicas. Diferentes mulheres escrevem a um homem, que procura casamento, e cada uma, esta com sinceridade, aquela com ironia, outra com dolorosa expectativa se revelam, segundo os cambiantes da educação, do meio ou da fôrça da fatalidade. Carlos Sombrio fixa em traços incisivos de psicologo em «Torturadas», as varias expresões da mulher moderna. A este romance está destinado um merecido exito, que o nome do autor e a intensidade da leitura, perfeitamente justificam.

ECCE HOMO

Ecce homo no carcere! Ignorado,
Nele o suor é sangue em pedra escrito.
Ecce homo na sombra que a seu lado
Dá movimento e hálito ao granito!
Ecce homo na dôr que, ela só, possa!
Deixai subir esta arvore florida!
Pois não
Está em nossa
mão
a vida...
Ecce homo na luz que viu de frente!
No olhar que vai direito á estrela acesa.
Ecce homo que morre, consciente
De unica beleza!

Fruto vermelho, sumarento e doce
O amor fôra o seu unico pecado...
Ecce homo, Poeta e namorado.
Amordaçaram-no como se fosse
Um cão danado!

Erguendo os braços era a própria dança!
Movendo os lábios, sugeria o canto...
Vestiram-lhe a camisa que, hoje o cansa.
Silêncio? Não. Ai! quando muito, espanto!

Colheu uvas, em vão, porque as não pisa
Toda a beleza de ontem o amortalha.
Ecce homo! Em sua imagem lisa
Não há togas, nem fardas, nem muralha

Lento, o suor escorre e cai no chão...
Mancha-se o mundo em côr rubra, insubmissa.
Ecce homo que, livre, diz: Perdão!
Ecce homo que, preso, diz: Justiça!

PEDRO HOMEM DE MELLO

(Do livro inédito «Bodas Vermelhas»)

O PRETO NO BRANCO

O Rafael e o Maldonado

O Rafael era uma excelente pessoa. Bom filho, bom marido, bom pai—a familia adorava-o. E os amigos achavam-no um belo camarada, leal, dadivoso, amigo de fazer favores. Breve, Rafael gosava d'uma extensa e intensa simpatia publica. E digamos a verdade—tinha a fraquesa de a cultivar. Rafael gostava que se soubesse como ele era, como ele pensava, como ele procedia com a familia e com os amigos. Tinha uma certa vaidade em se dar como exemplo e, quando saia de manhã de casa, aceitava os sorrisos e as saudações da vizinhança como uma homenagem que lhe era devida e lhe era grata. Dizia-se com emoção:—o Rafael, que caracter! E Rafael, quando diante dele falavam de qualquer facto ou pessoa «menos bem», costumava dizer com naturalidade:

—Não custa nada, c'os demonios, ser uma pessoa decente! Poderão chamar-me equxisito, demasiado exigente nesses particulares, mas com tipos assim não transijo! Bem sei que essas coisas se não pegam, mas não me calhava bem estar a meter no coração a tratar como amigo, pessoas que são exactamente o contrario do que eu entendo que se deve ser. Não tenho nada com os vidas alheias e não imponho a minha maneira de pensar a ninguem. Mas não cultivo, não quero, não mantenho relações com pessoas com cujo procedimento não concordo»...

Os amigos ouviam-no, aplaudindo:

—Está claro, está claro!—diziam. E quando Rafael se afastava, ficavam a comentar nas suas costas, que homem como ele, eram um exemplo, paradigmas vivos de moral e cuja acção numa sociedade, gafada de defeitos e de vicios graves, tinha a utilidade duma medida de profilaxia social. A existencia de consciencias austeras e intransigentes servia, pelo contagio, a moralidade publica. Havia mesmo quem pensasse que deveria ser dada a Rafael autoridade sobre os outros homens. E assim, começaram a existir os entusiastas de Rafael, os «rafaelista», os que dele e da sua autoridade moral esperavam tudo, Rafael, era assim,, uma especie de consciencia publica—em acto. Eu, não sei porquê, nunca perfilhei esses entusiasmos. Mas o o certo era que, se Rafael cortava ostensivamente as relações com um sujeito, logo este passava a ser apontado a dedo, como um reprobo. Aquele marioa do Torres, por exemplo, que Rafael afastou ostensivamente do seu convivio, não teve mais remedio do que mudar de casa, de rua e de bairro. Não se sabe mesmo se ficou em Lisboa. Ora, foi por isso ser assim, que toda a gente começou a estranhar as relações de Rafael com o Maldonado. O Maldonado da Agencia dos caixões, que toda a gente na rua conhecia e de quem há muito se dizia que ele «era pior do que cuspir na sopa».

Efectivamente este Maldonado era um tipo sombrio, anguloso, que não olhava a direito para as pessoas. Morava no primeiro andar por cima da agência. Já a industria,—necessária como todas as industrias,—não é assim de molde a tornar um homem simpático. Antes alfaiate, ainda que levem caro pelos fatos. Mas há «cangalheiros» alegres e amigos da vida. Pelo menos da sua—dêles cangalheiros. O Maldonado êsse tinha o físico da profissão. Era um enterro—e dos de terceira classe. Mas, emfim, isto não seria razão para determinar uma reprovação publica. Ninguem tem culpa de ser fisicamente desagradável e funebre e mesmo o oficio não marca um homem. O caso era porem que Maldonado, tinha fama de ruim. A sua casa tinha sempre as janelas fechadas. Ele vivia lá dentro com a mulhed e três filhos, um rapaz e duas raparigas. Estas quatro pessoas eram sombras de pessoas, magrinhas, amarelas como as tochas dos enterros, muito mal vestidinhas, com o ar de quem estava sempre com medo que lhes fizessem mal. Há muitos anos que se ouvia no primeiro andar do Maldonado, gritos aflitivos de quem estava a apanhar pancada. E era, mesmo. Percebiam-se cá fóra al-

RAMADA CURTO

(Continua na 9.ª pag.)

LER E ESCREVER

O mensario inglês «World Digest» transcreveu parte do conto «Carta de Inverno», publicado recentemente por Rui de Sequeira Nazaré, no nosso Suplemento literario.

OS NOSSOS CONTOS

A TELEFONIA

por **Antunes da Silva**

O Renato entrava na Repartição ás onze. Aos sabados a saída era mais cêdo e o engenheiro impunha-lhe obrigações demasiadas durante a semana. Auferia de vencimento legal setecentos escudos mensais, que, com os trinta e cinco por cento dos decretos do Estado, perfaziam novecentos e quarenta e cinco. Os descontos para a reforma, para os abonos, para o desemprêgo, não iam além de oitenta mil reis. Com a ajuda do abono de familia pagava a renda da casa, um tugurio sem cozinha nem janelas, situado num quarto andar, pela modica quantia de duzentos escudos. A vida estava impossivevl, qualquer serapilheira para um fato custava uma fortuna e a gaiata andava-lhe sempre doente desde o dia em que viera de Alcacer, com sezões. A mulher chamava-se Rosinda. Era filha dum antigo sargento bêbado e duma mãe que morrera louca em Rilhafoles... Refilona, fazia-o andar numa roda viva desde as seis da manhã para ir comprar ao mercado longinquo os nabos, as couves, as raras batatas e o pão de trigo negro que raro fazia uma sôpa apetitosa.

A's onze entrava na repartição esbaforido, cansado, sempre mal disposto. A mulher a atenaza-lo: «Um aparelho! Oh, sempre era outra louça...».

Vinha com este pesadêlo quando o engenheiro mandara pelo continuo um maço de fôlhas de pagamento para êle concluir. Calculem: a uma segunda-feira, meados do mês, e com outro serviço atrasado, mandavam-no fazer uma coisa, daquelas. Mas isso era o menos. Emquanto aqui estivesse, o corpo tinha de se dobrar para as fôlhas brancas do papel e a cabeça trabalhando em grandes somas de algarismos.

O vizinho Lacerda tinha uma loja de secos e molhados mesmo no rés-do-chão do seu prédio. Assim que o via regressar a casa, gracejava:

—Com que então, anh! Mais um dia de *suor!...*»

O Renato, a principio, não dava resposta, e sorria-se tambem com galhofa. Mas há um ano, todos os dias, a toda a hora que o encontrasse, o maricas do vizinho havia de intrometer-se:

—Com que então mais um dia de *suor...*». anto assim que na semana anterior havia-lhe ito, com modos bem significativos. «—Tudo o que é demais aborrece, seu Lacerda. Ou você julga que só é homem o cavador de enxada...?».

O outro ficara-se a rir atrás do balcão, contente de o ter feito zangar, limpando os bigodes escuros a uma toalha amarela.

Mas tambem era o menos. A natureza deu a fala aos homens foi para falarem. O individuo casmurro, de mau modo para o semelhante, é quasi sempre um aleijado do coração.

A sua Rosinda andava com o mesmo entusiasmo de sempre: «comprar uma telefonia». Era costureira. As senhoras ricas do bairro mandavam-lhe tobralcos e riscados para ela fazer camisas, fronhas, aventais.

—Compra-se um aparelho, Renato. Escusamos de gastar dinheiro no cinema. Um aparelho sempre distrai a gente, sempre nos dá noticias do mundo inteiro...

Ele ficara calado, aborrecido, a contas com o ordenado do mês, que não chegara para as despesas... E a mulher, em frente daquele si-

(Continua na 9.ª página)

CRÍTICA LITERÁRIA

Um anjo quasi demónio,
romance por MANUELA DE AZEVEDO
Juro dizer a verdade,
por MARIA DE FIGUEIREDO

I — Crítica responsável e crítica anónima

Não sou daqueles que fazem da sua profissão um título de orgulho. Num país onde os escritores não podem ser profissionais das letras, condenando-se a uma burocracia sem horizontes, sujeitos, as mais das vezes, a uma subalternidade que lhes envenena a existência, tão nulos ou grosseiros os chefes de que dependem, o mester de crítico com fôros de profissionalismo é uma actividade perigosa. Mesmo assim, não tenho por hábito erguer-me nas minhas tamanquinhas e gritar «aqui estou». Muitas vezes o tenho dito; estou aqui, porque outros, talvez mais competentes do que eu, não querem ocupar o meu lugar. Se algum orgulho posso retirar da minha posição nisto o fundamento: em persistir numa tarefa que outros por comodidade desertam. Há dias, conversando com um escritor português já hoje de nome internacional, veio a talho de foice referir-lhe eu o acinte com que certos jornais se referem a tudo quanto escrevo. E êsse meu amigo de responder-me: «Que quere você: é o resultado da sua profissão. Aproveitam a oportunidade para lhe fazerem sentir que o não perdem de vista». De facto, assim é, embora me pareça difícil de compreender que assim seja. Um crítico não pede senão que o critiquem. Cabe-lhe, no entanto, o direito de exigir que usem para com êle das mesmas armas de que êle se costuma servir. Tal não é o que entre nós se verifica.

E' sem grande orgulho, portanto, mas ainda assim com uma pontinha de satisfação, que costumo ler certas referências lisongeiras para a crítica, sobretudo quando partem de autores em maré de dependerem dela. Numa carta prefácio dirigida a um dos mais ferozes inimigos da crítica com que contam hoje as letras pátrias, Manuela de Azevedo, a autora do livro *Um anjo quási demónio*, indiferente á má impressão que isso poderia produzir no espírito do seu correspondente, ousou afirmar que a crítica «é um estimulo e quási sempre um bem, ainda mesmo que mal se diga bem ou vice-versa». Foi mesmo ainda mais longe. Escreveu: «Ao contrário de muitos que ironizam sôbre o caso mas o saboreiam em primeira mão ás mesas dos «cafés», creio no despertar das funções críticas em Portugal, não, evidentemente, na crítica anónima—mas nessa outra que por baixo leva o nome do autor de quem critica, mesmo que o seu juízo seja errado». E concluiu: No dia em que os jornais de todo o mundo deixarem de ser a capa onde se ocultam as referências anónimas—a crítica literária, objectiva e honesta, há-de contribuir para erguer a consciência literária dos povos, porque essa consciência não está só em quem escreve mas, ainda, e talvez mais, em quem lê...»

Tais palavras no limiar de um livro que vai afrontar a crítica são dignas de admiração. Mas há ainda coisa mais extraordinária: a sua autora é uma jornalista. Não há muito ainda seria impossivel ver um jornalista subscrevendo palavras tão desprestigiosas para a crítica anónima dos jornais.

Sim, é isso mesmo que todos nós queremos, críticos e não críticos, todos queremos ser julgados por uma crítica responsável, «mesmo que o seu juízo seja errado». Que um crítico erre responsável do seu êrro, está bem. Sôbre êle pesará o êrro cometido. Em quem pesa, todavia, o êrro do crítico irresponsável, dêsse que se acoberta sob o anonimato e faz espirrar a sua azêda incompreensão, onde quer esteja, sôbre a obra que não leu ou não tinha competência para julgar? A crítica nefasta não é a que se exerce ás claras, num esfôrço consciente para compreender e julgar; mas a que se exerce, anónima e insidiosa, ás mesas dos «cafés» ou nas colunas dos jornais que não trazem assinatura por baixo.

O verdadeiro preconceito, dizia Chesterton, não é aquele que se manifesta nas opiniões dos que julgam obras que não leram; o verdadeiro preconceito está na opinião dos que lêem uma obra com um juízo antecipado sôbre o seu valôr. Eis o preconceito de que sofre a nossa crítica anónima: julga as obras antes de as ler. A maior parte das vezes, não as lê sequer. O juízo sôbre elas depende apenas da categoria do seu autor..., quando não dos ressentimentos que ligam o crítico anónimo ao autor da obra que lhe caíu nas mãos.

II — Os perigos da timidez

As palavras com que Manuela de Azevedo abre o seu livro deixam-me perfeitamente á vontade na apreciação dos dotes literários nêle revelado. Jornalista, Manuela de Azevedo é um dos poucos casos femininos portugueses de verdadeiro profissionalismo literário: direi melhor—jornalístico. Este seu romance, *Um anjo quási demónio* (Parceria António Maria Pereira, Lisboa), constitue uma estreia no domínio da ficção, mas é, ao mesmo tempo, obra de uma pena largamente experimentada. Isto mesmo, aliás, se adivinha em cada página do seu romance. Direi mesmo ser esta uma das suas características mais dignas de estudo.

«A vida cotidiana», confessa Manuela de Azevedo na preciosa carta que serve de introdução ao seu livro, «roubou-me o tempo para amadurecer ideias e o muito escrever—oh! risonho paradoxo...—adulterou-me a forma de expressão». Isto que a autora tão á puridade nos confia torna-se uma das observações latentes no espírito de quem lê. Romance escrito com uma desenvoltura excepcional, *Um anjo quási demónio* deixa-nos a impressão de ter sido composto inteiramente com a consciência de ir depressa de mais. Manuela de Azevedo mostra-se neste livro de uma grande probidade. Dir-se-ia que fez tudo para dominar aquela facilidade que é, realmente, a maior inimiga do romancista contemporaneo.

Bastaria a escolha do tema, para comprovar as sérias intensões da romancista. Emquanto os outros jornalistas que tentam o romance elegem os seus temas entre o *fait divers*, Manuela de Azevedo volta-se para o passado e vai colher o ambiente do seu romance á província de onde suponho é originária. Viseu e Lamego constituem o quadro em que se desenrola a acção de *Um anjo quási demónio*. Vai, porém, mais longe ainda. Ao seu próprio passado, a si própria, quer o tema do seu romance seja ou não autobiográfico, recorreu para compôr o carácter da sua heroína. Na verdade, mesmo que o Colégio onde Zélia-Maria esteve internada seja fruto da imaginação da romancista, o que não creio, o certo é que a psicologia desta rapariga, naquilo em que é mais flagrante, muito deve, com certeza, á própria experiência psicológica de Manuela de Azevedo.

Personagens, ambiente e problemas são, em *Um anjo quási demónio*, qualquer coisa capaz de nos habilitar a dizer que Manuela de Azevedo não quis deixar-se empolgar pela facilidade que a profissão de jornalista proporciona a quem pretende escrever um romance. Outra coisa, porém, reforça a nossa convicção: a própria natureza do estilo em que a obra está escrita. Não podendo ocultar a sua admiração pelo mestre, Manuela de Azevedo tenta a cada passo surpreender a «maneira» característica de Aquilino Ribeiro, não só na escolha do vocabulário, onde se insinua um certo regionalismo, mas até na arquitectura dos períodos.

Como é óbvio, êste duplo esfôrço traduzido em reagir contra a facilidade e em adquirir um estilo que é, por natureza, a antítese do estilo jornalístico, prejudicou a obra de Manuela de Azevedo. Não que lhe tivesse sido mais benéfico deixar-se empolgar pelos vícios da profissão. Sou em crer que é êste o caminho a seguir para que a autora de *Um anjo quási demónio* conquiste uma verdadeira personalidade de romancista. Há que contar, todavia, com as dificuldades iniciais. O hábito é uma segunda natureza, dizem os psicologos. Quere isto dizer que o hábito contraído por todo aquele que exerce longamente qualquer profissão se transforma cedo em segunda natureza. A segunda natureza de Manuela de Azevedo jornalista comparece na atitude da escritora como se fôsse, de facto, *a sua* natureza. E' necessário vencer o hábito para que a verdadeira natureza conquiste o seu lugar e se manifeste plenamente. Eis o trabalho que Manuela de Azevedo empreendeu neste livro. E' de crêr que a sua tarefa seja em breve recompensada.

Um anjo quási demónio é a história de uma adolescente. Tudo quanto se reporta á sua vida de colégio e ás suas reacções psicológicas é pintado com extrema felicidade. Diremos, mesmo, que tôda a história de Zélia-Maria nos é contada com naturalidade e verosimilhança. Natureza caprichosa e insubmissa, Zélia-Maria é uma das melhores figuras de adolescente que o nosso romance moderno tem proporcionado. Dá-se, porém, com o estudo desta figura o que de certo modo acontece com a composição geral do romance. Manuela de Azevedo mostra-se tímida na maneira de a tratar. Os seus sobressaltos sexuais são-nos descritos com uma grande fôrça; o nascer da sua vontade é delineado com vigôr. Mas a romancista, que parece desejosa de encadear a história e de a conduzir ao fim, abandona breve os meandros psicológicos da sua heroína, contente por ter achado maneira de acelerar o ritmo da intriga de que ela é a principal protagonista. De facto, a congestão cerebral de D. Mariquinhas, a mãe de Zélia-Maria, torna-se um «alibi» capaz só por si de resolver tôdas as dificuldades novelísticas de Manuela de Azevedo. Zélia-Maria não se chega a definir como psicologia: E' uma leviana? E' uma sensual? E' um ser frívolo? E' uma natureza fria com desmandos cerebrais? Bem certo é que a adolescência é uma idade sem fronteiras. Mas, ainda assim, se era uma adolescente pura que Manuela de Azevedo queria pintar, tinha de ir mais fundo, de se demorar mais no estudo das suas reacções. Tendo provocado a congestão da mãe só com declarar-lhe que casaria com Elizinho, não se lhe desenham remorsos pelo que fez nem muito menos se lhe vêem mostras de alimentar uma grande paixão pelo rapaz. O ambiente era propício para um amor de perdição. Zélia-Maria não tinha, porém, o estôfo de uma amorosa. Que estôfo era o seu, então? Eis o mais grave senão desta heroína. O seu carácter, tão bem desenhado nas primeiras cenas do livro, esfuma-se, ao depois, até desvanecer-se de todo. E a culpa é tôda de D. Mariquinhas, que, combalida pela primeira congestão, está pronta a ser vítima de uma segunda. Com efeito, a segunda sobrevém. Desta vez, todavia, sem que Zélia-Maria seja culpada, pois ao que parece, é D. Mariquinhas que participa á filha que Elizinho, o namorado desta, casou com uma viuva. No decurso desta cena, a que o leitor não assiste, D. Mariquinhas morre. E aí temos Zélia-Maria pronta a fugir com o primeiro mancebo que lhe aparece, não porque a sua curiosidade sexual a impulsione, mas porque a tutora se lhe afigura detestável. Mais uma vez se perde a ocasião de desenvolver a intriga do romance por determinações psicológicas. Zélia-Maria tinha estôfo para gerar só por si um curioso conflito. Manuela de Azevedo, receosa de não ir tão longe quanto seria necessário, atropela a psicologia da rapariga e dá-lhe motivos exteriores para a levar a fugir com o pobre China. Aliás, esta fuga, conquanto um pouco romanesca, tem as suas tintas poeticas. E' uma das mais felizes cenas do livro.

Misto de romance psicológico e de costumes, de romance regional e de tese, *Um anjo quási demónio* peca pela sua indecisão. A timidez da autora prejudicou o seu bom desenvolvimento. Em todo o caso, as qualidades de Manuela de Azevedo estão ali bem patentes, Se peca, é ainda por vitude. consciênte das dificuldades do género, hesita a cada momento. Esperemos que esta hesitação desapareça em livros futuros. Manuela de Azevedo tem em si as melhores virtudes de uma romancista: naturalidade narrativa e espírito de observação. Bom será, todavia, que expulse do seu estilo um certo comprazimento regionalista, prenda que não passa de estôrvo a uma boa expressão novelistica.

III — Sinceridade e literatura

Sejam quais forem as indecisões e defeitos de um romance onde a nota dominante é dada pela sinceridade com que o romancista se procura procurando caminho para as suas personagens, o certo é que tais indecisões e defeitos valem sempre mais que as virtudes e a segurança qe sue notam num romance em que se adivinha apenas habilidade e virtuosismo. E' êste, aliás, um daqueles princípios que eu me não canso de repetir. Faz parte dos preceitos fundamentais da minha estética.

No livro de Maria de Figueiredo, *Juro dizer a verdade*, (Parceria António Maria Pereira, Lisboa), um pequeno volume onde a autora reuniu meia duzia de novelas, há apenas um trecho onde transparece algo mais que literatura. E' o primeiro, aquele que se intitula *Juro dizer a verdade*. Talvez possa haver da minha parte um certo parcialismo neste juízo. Realmente, a novela *Juro dizer a verdade* é inspirada no meu romance *O Marido Fiel*. Maria de Figueiredo, voluntáriamente, tomou a defesa da personagem feminina do meu livro, Regina, e, dando-lhe a palavra, levou-a a expôr diante do marido o seu próprio caso. Confissão ofegante, forte e ousada, *Juro dizer a verdade* en-

JOÃO GASPAR SIMÕES

(Continua na 9.ª pag.)

COLEGIO FEMININO FRANCÊS
R. do Salitre, 62 — Ensino Primario e Liceal — Telef. 43701

Na colecção «ROMANCISTAS DE HOJE»
GLEBA acaba de aparecer
CIRCO
O extraordinário livro de
Leão Penedo
Um vol. de cerca de 500 pags. 27$50
A' venda em todas as livrarias
Pedidos a: EDITORIAL GLEBA, L.DA
R. da Madalena, 211-3.º - LISBOA

ECOS

Completou 80 anos de existencia a Cruz Vermelha Portuguesa que, pelo pensamento que a inspira e pela benemerencia da sua obra, merece o nosso respeito e a nossa admiração. Faz parte duma organização internacional que honra as mais belas virtudes humanas e tambem o preceito cristão de que só pelo amor os povos se regeneram e purificam.

Entre as grandes figuras que lhe ligaram o seu nome e a sua acção, sobressai Miss Nightingale—vocação infatigavel de enfermeira que fez da Cruz Vermelha, nascida em Genebra, a mais bela das cruzadas.

A secção portuguesa, como não podia deixar de ser, soube sempre cumprir modelarmente o seu triplo dever—socorrer, libertar e mitigar acerbas dores. O «Diario de Lisboa» sauda-a, inclinando-se perante a sua inexcedivel folha de serviços.

■

Dalton, chanceler da Tesouraria, anunciou ontem, na Camara dos Comuns, que o Banco da Inglaterra vai ser nacionalisado, desaparecendo, portanto, os accionistas que hão de receber uma justa compensação. Vê-se que os trabalhistas estão dispostos a grandes medidas.

O Banco da Inglaterra, que representava uma tradição prestigiosa e um poder indiscutivel, muda de indole, pois deixará de ser uma empresa mercantil para se converter num organismo financeiro e nacional. O novo governo não quere ser prisioneiro de vãos receios, visto que sente quão delicada seria a sua posição, caso hesitasse no cumprimento das suas promessas.

Numa cousa se mostrou Dalton essencialmente conservador:

—Os impostos não serão diminuidos, emquanto as circunstancias criadas pela guerra não abrandarem no seu rigor.

Esta declaração, de sabor acidulado, corresponde a uma necessidade patriotica a que ninguem se pode escusar.

■

Está publicado o n.º 36 do «Boletim da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais» que se ocupa de trabalhos, dificeis e delicados, na reparação e restituição da Igreja de Santo André de Mafra.

■

Duma carta que hoje recebemos, tiramos este trecho interessante:

—Conheço alguem que, apesar de parecer igual a toda a gente que circula pela cidade, vive quasi fora do convivio humano. Está fechado dentro de si, a sete chaves. Pertence á categoria dos monges que profundam o silencio e se arredam de tudo que pode perturbar-los ou distrai-los. Nada o ocupa, nem o prazer nem o amor nem a ambição. Vai ao seu emprego, numa repartição do Estado, e á tarde regressa a casa sem sentir o movimento das ruas. Preguntaram a Saint Simon a que mobil obedeciam os homens. Respondeu sem hesitar:

—«Ao interesse e á cubiça».

Há dias interroguei o solitario sobre a sua misantropia. Olhou-me contrariado, mas disse:

—«Quanto mais só, mais independente».

Nós, por instinto e por necessidade, temos de conviver com os nossos semelhantes, dado que a sociedade é o nosso meio proprio. O isolacionismo, sob o pretexto de gozar duma maior liberdade, confunde-se com a deserção. Para sermos livres, não devemos furtar-nos á comunidade, nas buscar nela o que individualmente nos falta —a saude moral, a alegria e a força do pensamento, na fraterna cooperação do trabalho.

■

Num artigo publicado em «Les Etoiles» por Pierre T. Grassé professor da Sorbonne, sob o titulo de «a Investigação francesa em perigo», lê-se o seguinte:

—O proverbio «chaga de dinheiro ão é mortal» não se aplica com certeza aos laboratorios que só podem manter-se á custa de largos subsidios. Hoje a ciência custa caro, indubitavelmente. Mas um grande país não pode passar sem ela. Os acontecimentos que se sucedem demonstram que o poder duma nação é função directa da prosperidade dos seus laboratorios, dos seus institutos de ciência pura e aplicada.

Tambem, entre nós, o problema da investigação cientifica tem de ser encarado a serio, a-fim de se conseguir qualquer resultado pratico e fecundo. Pierre T. Grassé queixa-se de que ainda se não estabeleceu, em França, uma forte ligação entre a biologia e a agronomia. A rotina predomina e as velharias subsistem...

Quando virá a hora de romper com os erros do passado que são ainda os vicios do presente?

■

Intitula-se «Contos do Caramô»—lendas e fabulas mandingas da Guiné Portuguesa—o livro de Viriato Augusto Tadeu, editado pela Agencia Geral das Colonias, cujo labor cultural cresce de ano para ano. Lê-se agradavelmente, sem sombra de cansaço, visto que em todo ele há alguma cousa de espontaneo e puro que tem o sabor da fresca agua das fontes. A graciosa alma dos mandingas transparece, nos «Contos de Caramô», criando e tambem modelando o universo dos seus sonhos.

E' um mal

ou um bem

que os livros

sejam vendidos

pelas ruas?

Recentemente, foi ventilado, em sesão publica, o caso da venda de livros a preços baixos—livros que trazem a subscrevê-los nomes de autores consagrados.

Vendidos a preços baixos, ao alcance das bôlsas pobres—que melhor destino poderiam ter os livros bons dos bons autores?

Nunca a cultura de um povo pôde considerar-se integrada na sua verdadeira função, se ao seu alcance não teve elementos em que fundamentasse mais amplos conhecimentos. De facto, o alto nível de ilustração de um povo jámais foi tido como tal, se a cultura constituiu apenas privilégio de uma «élite». Pelo contrário, pertence ás grandes massas populares o impulso que os elementos da «élite» sofrem benéficamente, para usufruto de quantos podem entendê-los.

De que valeria, efectivamente, meia duzia de intelectuais, num país em que as suas ideias, as suas obras, estivessem votadas á incompreensão das multidões? Não seria prégar no deserto, se uma doutrina não tivesse vislumbres de entendimento? Só o povo estimula a sabedoria humana, na sua ansia de querer saber, impelindo para um progresso evolutivo os mentores da sua própria cultura. Se é verdade que, numa terra de cegos, quem tem um ôlho é rei, parece-nos que, para verdadeiro prestígio de uma nação, não há como terem todos vista, para que exijam dois olhos aos homens que lhes conduzem o cérebro...

Nos países em que assim acontece, não se movem censuras á venda ambulante de livros bons, assinados por bons autores. Pelo contrário, cai pela base certo conceito triste da literatura, com romances de cordel metidos debaixo da porta, ou livros de amor e de aventura, delitados em mau idioma. Sem duvida, essa literatura não será a que mais convém nem, talvez mesmo, a que mais agrade ao povo. Mas todos sabemos que preço proibitivo atingem as boas edições, para uma bôlsa modesta. E, entre ler ou não ler—quem não tem mais largos horizontes nem melhores destinos limita-se a aceitar o que vem com jeito mais acessível.

Na verdade, nunca, talvez, como hoje o povo se sentiu impelido para os conhecimentos da política, da técnica, da filosofia, de tudo o que seja ou contribua para a mais clara concretização dos seus anseios.

Ora, se são poucos os que estão em condições de adquirir bons livros por alto preço —por que não há-de promover-se o seu escoamento, a favor da cultura popular?

A falta da procura está a levar os livreiros a lançar livros nas padiolas, fazendo-os percorrer as ruas tumultuosas. Depois das remessas do pão do estômago—a abundancia do pão do espírito. Como o demonstram as Feiras do Livro, que, de algum modo, ao serem criadas, não tiveram outra função nem outro fim: além de tornar mais directo o contacto do publico com o livro, criar-lhe condições de acessibilidade.

Por que hão-de os livros dormir o sono das poeiras, sem dar lucro a ninguém?

A venda ambulante de bons livros, por preços acessíveis, só nos parece campanha elogiosa, a favor das boas leituras. O livro é matéria que, muitas vezes, só levada á presença dos apressados consegue ser devidamente ponderada.

Só o que é de lamentar é que êsses livros baratos, vendidos nas traquitanas, pelas ruas, não sejam sempre tão bons, tão baratos e assinados por autores tão ilustres, como seria de desejar...

UM PROBLEMA DELICA

As raparigas

precisam de ter

para que cumpra

a sua

Bem sabemos que o problema se reveste de uma certa delicadeza. Mas, se bem o analisarmos e se pensarmos em procurar-lhe as fontes e as origens, não será dificil encontrar-lhe fundamentos, causas e razões que muito bem se enraízam num sistema de vida longe de ser impecavel.

Já aqui nos referimos aos perigos dos horários atribulados de uma mocidade que se consome por escritorios, á procura do equilibrio das suas finanças: para ganhar uns magros mil escudos, é preciso que os rapazes de hoje se multipliquem em acção, obrigados a uma ginástica de horas que não comportam nem alegrias e remansos do espirito, nem uma vida sádia em pleno campo, num fim de semana que exige abonações de bolsa.

Esses jovens, sóbrecarregados com o peso de graves orçamentos a que o mercado negro não é indiferente, vivem dominados por um nivel de

O regresso dos combatentes

aos Estados Unidos

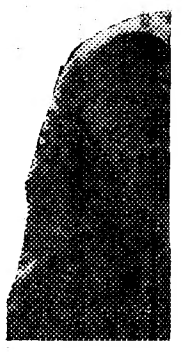
NOVA YORK, 22.—O grande transatlantico inglês «Queen Mary» chegou hoje a este porto com cêrca de 15.000 soldados norte-americanos, a maior parte dos quais pertence á 30.ª Divisão dos Estados Unidos, que desempenharam um papel de grande importancia em fazer sustar a grande ofensiva alemã desencadeada em dezembro do ano findo contra a Belgica e o Luxemburgo.—(U. P.).

Vêm da Suiça a Lisboa

353 judeus que vão para a Palestina

LONDRES, 22.—A emissora suiça anunciou hoje que partiu da Suiça para Lisboa um comboio especial transportando 353 judeus que seguem para a Palestina.—(R.).

A história dramática



ELA PENSAVA que podia fazer esquecer um crime com um beijo e êle estava certo de que podia cometer um crime perfeito! Esta fórma de pensar fora do comum constitue o tema em tôrno do qual gira o filme da Paramount, «Pagos a Dobrar», um dos mais dramaticos e electrizantes filmes até hoje produzidos e cuja estreia está anunciada para a proxima sexta-feira no Eden. E' uma adaptação cinematografica duma novela famosa de James M. Cain, que tem como protagonistas Barbara Stanwyck e Fred Mac Murray, os quais encarnam dois personagens que, alem do amor, albergavam nos seus corações a perversidade e o crime.

Barbara Stanwick interpreta o dificil papel de uma loura perversa que concebe a horripilante ideia de segurar seu marido contra acidentes, sem que êle saiba, na espectativa de que morra acidentalmente, mesmo que, para isso, seja necessario mata-lo primeiro! Fred Mac Murray, actor que figura na primeira plana de Hollywood e é um dos mais bem pagos da industria de cinema, apresenta-se como um activo agente de seguros, que se torna cumplice daquela na trama sinistra, em parte, porque está loucamente apaixonado por ela, e ainda porque quere provar que pode executar o crime perfeito, para o que excede em astucia o próprio Edward G. Robinson, gerente da secção de reclamações da companhia em que Fred trabalha. Quando o segurado aparece morto

Esta pobre Europa...

O povo britanico terá de suportar novos sacrificios

LONDRES, 22—O povo britanico, nos próximos tempos, não poderá gozar os frutos da paz e terá de continuar a suportar a escassez de generos essenciais á vida. Assim o declararam o ministro do Comercio, sir Stafford Cripps, e o ministro da Alimentação, sir Ben Smith. Este ultimo, anunciou que haverá reduções substanciais na quantidade de açucar disponivel para o fabrico de chocolate e cremes, assim como para o empregado noutras industrias.—(R.).

A Argentina vai enviar generos alimenticios para a Europa

BUENOS AIRES, 22.—O govêrno da Argentina decidiu enviar generos alimenticios não necessarios ao país para a Europa.

O govêrno anunciou ontem, á noite, que resolvera aceder ao pedido das Nações Unidas para pôr á disposição dos povos subalimentados da Europa a carne que lhe fôr possivel. Os preços e condições já foram estabelecidos. O acôrdo deve ser publicado pelo ministerio do Comercio e Industria.—(R.).

A celebre parelha de Bailes
ELOISA Y LARRIUT
HOJE, no Espelho d'Agua

«Record» de vôo

estabelecido

por uma «Super-Fortaleza»

GUAN, 22—Revelou-se agora que uma «Super-Fortaleza Voadora» realizou o maior vôo sem escala que jamais se registou na historia, num percurso de 4.650 milhas de ida e volta, quando efectuou uma missão confidencial de combate, pouco antes da rendição incondicional do Japão. Partiu de Guam, voou até Hokkaido e regressou novamente a Guam, permanecendo no ar 20 horas e 58 minutos.—(U. P.).

PEÇA EXIJA BEBA
CORGO
PORTO E BRANDY
Sociedade dos Vinhos do Alto Corgo, Ltd.
Depositários: SOTRAL, LTD.
Travessa das Mercês, 23 — Lisboa

CONSELHO DE MINISTROS

A' hora de sair o nosso jornal está reunido no Palácio de S. Bento, sob a presidencia do Chefe do Govêrno, o Conselho de Ministros.

SEGUROS "A MUNDIAL"
AGENTES POR TODO O PAÍS

DO

que trabalham

féria melhorada

n

erdadeira missão social

vida mesquinho, porque o ordenado é sempre muito inferior ás suas elementares necessidades de cidadão.

Isto, com os rapazes. Com as raparigas o problema assume aspectos mais graves.

Quanto ganha uma dessas rapariguitas que atravessam a cidade, de loja em loja, com amostras, com a nossa calça dobrada no braço, quanto ganha uma ajudante de cabeleireiro?

Passámos, um dia dêstes, por algumas casas que anunciavam em jornais o proposito de admitir pessoal. E verificámos a coisa estranha de se oferecer entre quatro e seis escudos, por dia, a rapariguinhas de 16 e 17 anos que, além dos trabalhos de costura, ainda têm de ser criadas das mestras: varrer a sala de visitas e de provas, limpar a louça do almoço em caso de necessidade, correr lojas á procura dos botões, sentar-se no seu banquinho a costurar. No fim do mês, com seis ou sete horas de trabalho —se o há extraordinario—a rapariguinha recebe á volta de 150 escudos que servirão para comer, vestir e calçar, se é que não tem, ainda, a seu cargo, o auxilio da familia.

Uma serviçal, com 150 escudos, cama, comida e casa, ganha muito mais—é preciso concordar. Simplesmente, nem todas estão talhadas, pelo meio que as formou ou preconceito que em si criaram, para ser empregadas domesticas.

Um inquerito por cabeleireiros, por estabelecimentos em que se exige das raparigas «boa apresentação e bons vestidos», por «ateliers» de costureiras e alfaiates, deixará a convicção de que há uma certa classe de patrões impróprios de merecer o respeito e a consideração de quem trabalha.

Não seria, portanto, de elogiar uma revisão de tabelas e de honorários? Uma féria mais compativel com as necessidades do nosso tempo não resolveria, em parte, o problema da mão de obra que falta é certo—e da qual se queixam as classes patronais apontadas? Parece-nos que os contratos colectivos de trabalho deveriam rever muito do que já foi visto.

de dois criminosos

num desastre ferroviario, o valor da apolice é pago a dobrar e, por isso, Barbara e Mac Murray decidem executar o plano que conceberam, tendo em vista a ambição que os domina. Os dois criminosos planeiam tudo por forma a dar a aparencia de acidente e estão radiantes com o resultado. Barbara, no entanto, cêdo percebe que o amor não pode subsistir á sombra de um crime e Fred descobre que um crime, embora não seja perfeito, sempre é pago «a dobrar», mas não em dinheiro... Na verdade, aquele crime é retribuido ao dobro: com as vidas de Barbara e de Fred.

Este filme é, talvez, a obra que apresenta a mais completa caracterização dos três principais personagens. Barbara Stanwick e Fred Mac Murray interpretam os papeis de assassinos, emquanto Erward G. Robinson abandona as suas habituais interpretações de «gangster» para desempenhar o papel de um representante da lei.

De Gaulle

chegou à Terra Nova

donde segue

directamente

para Washington

MONTREAL, 22—O general De Gaulle chegou á Terra Nova, a caminho de Washington. Ficou em Gander durante a noite e dali voará directamente para Washington, hoje, de manhã.

Não toca em Montreal, como anteriormente se disse. Devia ter seguido directamente dos Açores para Washinton, mas devido ás condições atmosféricas a rota foi alterada.—(R.).

Cidadão honorario de Nova York

NOVA YORK, 22—O governador de Nova York, La Guardia, anunciou ontem á noite que haverá uma sessão solene de homenagem ao general De Gaulle na Camara Municipal, sendo-lhe por essa ocasião conferido o titulo de cidadão honorário de Nova York.—(Reuter).

A' chegada a Washington

WASHINGTON, 22—O secretário de Estado, James Byrnes, o embaixador francês, Henri Bonnet, e outros funcionários superiores americanos e franceses esperarão o general De Gaulle no aeroporto nacional de Washington, esta tarde.

De Gaulle seguirá imediatamente para a Casa Branca, onde será recebido pelo Presidente Truman. Depois do jantar oferecido em sua honra instalar-se-á em Blair House, residência oficial dos visitantes diplomáticos notáveis.—(R.).

O problema das reparações

WASHINGTON, 22—(Do correspondente especial da Reuter, Willam Hardcastle)—A conclusão satisfatória das conferências franco-americanas em Washington deve levar o govêrno americano a entregar á França uma grande parte—possivelmente 50 por cento —das reparações que obtiver da Alemanha, segundo se soube de fonte autorizada.

Segundo o acôrdo de Potsdam, os Estados Unidos devem obter 20 por cento das reparações totais, indo 50 por cento para a Russia e 20 por cento para a Grã-Bretanha, ficando portanto apenas 10 por cento disponiveis para os demais países. Pelo que respeita aos Estados Unidos, a sua parte é calculada apenas segundo a sua contribuição para a guerra, mais do que de acôrdo com as suas necessidades físicas e está por isso o govêrno americano disposto a entregar grande parte dos seus pedidos nas industrias da Alemanha ocidental a países que delas precisem.

Considera-se provável que De Gaulle veja acolhido com simpatia o seu pedido de que a reentrada da França para as grandes nações exige o seu restabelecimento económico.—(R.).

Declarou-se incêndio

a bordo do «Alcantara» da Mala Real Inglesa

LIVERPOOL, 22—Declarou-se esta manhã incendio a bordo do paquete da Mala Real, «Alcantara», de 22.000 toneladas. O paquete encontra-se numa doca em South Huskisson. Houve estragos materiais, principalmente no convés, mas não se registaram vitimas. Ignora-se a causa do incendio que foi dominado dentro de duas horas.—(Reuter).

Minha Senhora

Quere completar a sua linda toilette com uma linda e rica joia? Dirija-se á

Grande Ourivesaria da Moda

257—Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa)

Se passar por Samora Correia

VISITE A PENSÃO NAZARENO

Um só crime

dos muitos

de que é acusado

levará Quisling

diante do pelotão executor

OSLO, 22—No segundo dia do seu julgamento, Quisling esteve durante tôda a audiência a ser interrogado e encontrou-se sempre numa péssima posição.

O presidente do tribunal, Erik Solem, acusou-o constantemente, num longo e por vezes odioso e sarcástico interrogatório, de traír o seu país e o seu Rei e de ter tentado em 9 de abril de 1940 cancelar as ordens de mobilização do exército norueguês no dia da invasão alemã.

Basta êste crime para conduzir Quisling perante um pelotão executor, se mais outros quatro membros do tribunal estiverem de acôrdo com a opinião de Solem.

Solem, assim como o procurador Annaeus Schjoedt, salientou o facto de Quisling se encontrar na altura da invasão da Noruega, sob certos aspectos, dependente das ordens militares. Quisling admitiu que tivesse transmitido pela rádio ordens para cancelar a mobilização militar, depois de formar um novo Govêrno dirigido por êle próprio, apesar de saber que o rei Hakkon ainda se encontrava na Noruega.

Quisling passeava nervosamente a vista por tôda a sala do tribunal tentando arranjar qualquer meio para justificar as suas acções e parecendo não ligar importancia aos discretos esforços do seu defensor Henrik Bergh para o acalmar.

Solem, por várias vezes, pediu a Quisling que respondesse de livre vontade a certas preguntas, com clareza, e não perdesse tempo com floreados de linguagem e figuras de retórica. Durante todo o dia, o acusado manteve-se de pé como uma estátua.

O procurador Schjoedt, vestido com a sua toga negra de aspecto irado, parecia bem o anjo da vingança, insistindo em que êste julgamento passará para a história como um dos mais infamantes casos de traição.—(U. P.).

Combate naval

ao largo da Coreia

entre barcos russos e japoneses

CHUNG-KING, 22—Recebeu-se aqui a noticia de um combate naval ao largo de costa da Coreia entre barcos de guerra soviéticos e japoneses.

Ontem de manhã, quando uma flotilha de contratorpedeiros soviéticos navegava ao largo do pôrto coreano de Ham-Heung, foi inesperadamente atacada por cinco barcos de guerra nipónicos, Travou-se então furioso combate naval que terminou com o afundamento de três barcos japoneses. Os outros dois barcos nipónicos sofreram grossas avarias e ficaram a afundar-se com fogo a bordo.

Dos contratorpedeiros soviéticos apenas dois sofreram avarias, mas continuam a navegar pelos seus próprios meios.

Verifica-se que aquelas cinco unidades de guerra nipónicas não acataram a ordem dada pelo imperador Hirohito de cessar fogo contra as fôrças aliádas.—(U. P.).

ENGLISH BAR

(Bar Inglez)

Monte Estoril

Estrada Marginal, Frente á estação
Telefone 413 Estoril
Bar Restaurante, Linda vista de Mar
ABERTO TODA A NOITE
Unico proprietario e Gerente
«LUIZ» ex-barman do Estoril Palacio Hotel

EM 3 LINHAS

Faz esta semana vinte anos que o «Diario de Lisboa» lançou a ideia das «Festas dos Mercados», a primeira grande manifestação popular e cultural do actual seculo. Presidiram á comissão o dr. José Leite de Vasconcelos e Columbano.

///

Estranha-se, com razão, que algumas especialidades farmaceuticas estrangeiras custem em Portugal o dôbro e o triplo, do que custam em Espanha, onde são estrangeiras também.

///

A cidade de Evora aspira a ter também, como Coimbra—além de Lisboa e Pôrto—uma secção do Instituto Britanico, e apela nêsse sentido para o «British Council».

///

Antes da guerra existiam na Europa 70.490 salões de cinema. Portugal aparecia na estatística com 215, e a Espanha com 3.500.

///

Fez no dia 18, sábado passado, 34 anos que foi votada a primeira contribuição da Republica. Houve onze projectos. Em 11 de abril de 1933 entrou em vigor a nova e actual contribuição (já alterada).

///

Ao cabo de muitas semanas choveu hoje em Lisboa e aredores. Esta chuvinha causou aborrecimento a raras pesoas e satisfação a muitos milhares.

///

Há dias no Torel, apresentou-se um individuo a confessar-se autor de muitos roubos, sendo exactas as referencias, os locais e os pormenores. Verificou-se depois—que não tinha roubado nada...

///

De regresso da Terra Nova, entrou em Aveiro, com um bom carregamento de bacalhau, o primeiro lugre da frota daquele porto: o «Cruz de Malta», dos armadores Testa e Cunhas.

///

No numero de 20 navios portugueses, cuja construção o governo britanico recentemente autorizou, 5, pelo menos destinam-se a carreiras do Ultramar.

A ocupação da Alemanha

A repressão dos crimes cometidos por pessoas deslocadas contra alemães

LONDRES, 22—O serviço aliado de Imprensa na Alemanha publicou, ontem á noite, uma advertencia do marechal Montgomery á população deslocada na Alemanha para que tenha cuidado com os crimes cometidos por essa gente contra cidadãos alemães.

A mensagem diz: «Estou resolvido a pôr termo aos sérios crimes cometidos por cidadãos deslocados das Nações Undas. Esta mensagem é dirigida a todos vós. Compreendo que a maioria de vós é gente amante da paz e não é responsável pelos crimes cometidos por uma pequena minoria. Advirto todos aqueles que fôssem tentados a cometer crimes repreensiveis contra a população alemã de que ordenarei ás minhas tropas que tomem medidas drásticas contra todas as pessoas apanhadas em flagrante delito de roubo ou assassinio ou contra aqueles que cometem actos deliberados de rapina».—(Reuter).

Aviadores da R. A. F. acusados de raptarem raparigas alemãs

OSNABRUEK, 22—No tribunal militar desta cidade foi julgada ontem uma acção em que eram acusados oficiais da R. A. F. de terem raptado raparigas alemãs e disparado as pistolas numa reunião tumultuosa que ocorreu numa quinta alemã.

O oficial aviador Jenkins foi acusado do rapto de duas mulheres alemãs, no mês de abril, numa quinta próximo de Bransche.

Foi o primeiro julgamento na Alemanha em que um membro das fôrças armadas foi defendido por um advogado civil da Grã-Bretanha.—(Reuter).

ÁGUA DO ALARDO

PURÍSSIMA

Uma das melhores e mais finas águas de PORTUGAL

Vida desportiva

O estádio «Mário Duarte», em Aveiro, vai ser muito beneficiado

AVEIRO, 22—A Camara Municipal iniciou os trabalhos para a mudança de orientação do campo de jogos do Estádio «Mário Duarte». O rectangulo ficará, assim, orientado já na próxima época, aproximadamente na direcção norte-sul, que é a mais aconselhável em relação á trajectória do sol e aos ventos predominantes. Entretanto está a ser estudado um projecto para um amplo estádio, com lotação para cêrca de 20.000 espectadores, e dotado de pistas de atletismo e ciclismo, que, em anos futuros, e á medida que as disponibilidades do municipio o permitam, será executado parcelarmente, por fases préviamente estabelecidas. Esta iniciativa, em que está previsto o arrelvamento do rectangulo de jogos, não só virá contribuir consideràvelmente para estimular a prática dos desportos na cidade, mas também dará possibilidades de se organizarem em Aveiro desafios de maior importancia.

—Passou a treinar os grupos de futebol do Sporting Clube Beira-Mar, o médio-centro da Associação Académica, de Coimbra, dr. Manuel Oliveira, que reside oficialmente em Aveiro.

—Parte amanhã de manhã, para Viana do Castelo a tripulação de «out-riggers» de 8 do Clube dos Galitos, campeão nacional, que representará Portugal no 3.º Campeonato Peninsular. A tripulação de «yolle» de 4 «séniors» do mesmo clube, vencedora do campeonato nacional de 1945, segue também com os «internacionais», a fim de tomar parte nas provas complementares que se realizam no Rio Lima.

ATLETISMO

Campeonato Nacional Corporativo

O aletismo devido á actividade da F. N. A. T. que mantem professores e instrutores da especialidade no seu campo de Belém, tem-se divulgado muito nas classes trabalhadoras. Esse progresso manifesta-se de época para época.

O Campeonato Nacional Corporativo de Atletismo é constituido por duas fases, sendo uma primeira de campeonatos distritais (Lisboa, Pôrto, Coimbra, Evora, Braga, Leiria, Covilhã e Setubal) a qual está marcada para os próximos dias 1 e 2 de setembro. Prevê-se grande inscrição.

NATAÇÃO

Campeonato Nacional Corporativo

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho organiza brevemente o Campeonato Nacional Corporativo de Natação, que se destina aos trabalhadores portugueses, agrupando-os em três categorias. O respectivo regulamento já se encontra publicado.

A competição desdobra-se em duas fases: a distrital que, no Pôrto, Coimbra, Evora, Braga, Leiria e Covilhã, se disputa a 9 de setembro próximo em Lisboa, na piscina do Algés e Dafundo, na noite de 11 de setembro, e a nacional, também em Lisboa.

A inscrição dos concorrentes poderá ser feita até o próximo dia 30 de agôsto.

NO LUMIAR

Festival de ciclismo e atletismo

Realiza-se esta noite, nas pistas do Lumiar, um festival misto de ciclismo e atletismo promovido pelo Sporting, Iluminante e Lisgás. O programa consta de meia hora á americana para iniciados com «sprints» de 10 em 10 minutos; a mesma prova para amadores; e uma hora á americana para independentes com «sprints» de 15 em 15 minutos, e o campeonato nacional de velocidade. Em atletismo, haverá provas para iniciados de 80, 150 e 700 metros.

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU». Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «*appartements*»

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Médicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaça e não tem sucursais

LUSARTE

Telef. 41701

Avenida Almirante Reis, 15-E e 15-F
Sob a Direcção Técnica do Socio Gerente

A. SEABRA DA COSTA

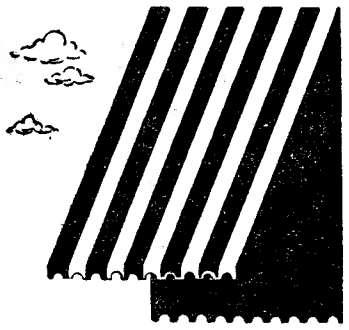
Convida os seus Amigos e Clientes a visitar as suas novas instalações. Material electrico, T. S. F. e grande variedade de candeeiros do mais fino gosto, tudo a preços acessiveis.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

PROTEJA



a sua cútis DO SOL COM MASCARADE PÓ DE ARROZ

MASCARADE! Como esta palavra sugere tanto de belo que passa na mocidade: Uma aventura, um galanteio, um desejo, que se desfaz como o fumo, um capricho, uma vingança... Por isso mesmo, **MASCARADE** é o pó de arroz sem par.

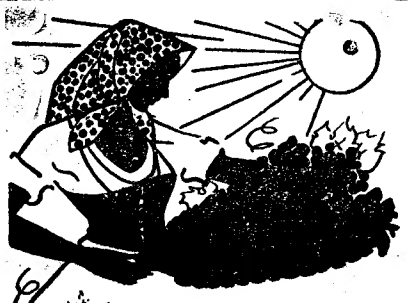
L.T. PIVER

Se Os Seus Pés O Atormentam

Pode obter um alívio imediato mergulhando-os numa bacia de água quente na qual terá dissolvido um pouco de Saltratos Rodel até que a água fique com uma aparência leitosa. Terá então um banho de pés rico em oxigénio e sais calmantes que, logo à primeira imersão farão desaparecer os ardores, picadas e inchações. Além disto, êste banho com Saltratos Rodel neutraliza a acidez ocasionada pela transpiração excessiva que pode ser a razão dos seus males. Se sofre dos calos e calosidades êles serão amolecidos a tal ponto que não mais lhe produzirão dores. Faça a experiência dêste simples remédio. É barato e seus pés sentirão logo uma sensação de bem-estar e de confôrto que lhe tornará a vida mais agradável.

SALTRATOS RODEL

A venda em tôdas as farmácias e drogarias aos preços de 5$00, 10$50 e 16$00.



UM BOM VINHO

É o vinho de Colares, feito unicamente com uvas Ramisco. Estas uvas de maravilha bastam por si só para lhe darem o caracter, o gôsto e o perfume que o distinguem de todos os outros.

Eis porque é perfeito e delicado o

VINHO DE COLARES

HAVAS

E' ANTI-MAGNETICO

A marca de maior expansão mundial

A venda em todas as relojoarias e ourivesarias

POR SER O MELHOR ENTRE OS BONS

Confrontem qualidade e preço

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
OS MAIS BAIXOS PREÇOS

Preferir a «SRAF» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. **Facilidades de pagamento** para quem as deseje aproveitar

Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
Telefones 2 7280 — 2 8584 — 4-2172

C. M. L.

Demolição de prédios

Em 11/9, ás 16 h., realiza-se, nos Paços do Concelho, o concurso supra.

O programa do Concurso e o Caderno de Encargos estão patentes na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. S. Julião 190, 4.º), todos os dias uteis, das 11 ás 17 h.

Lisboa, 21/8/45.

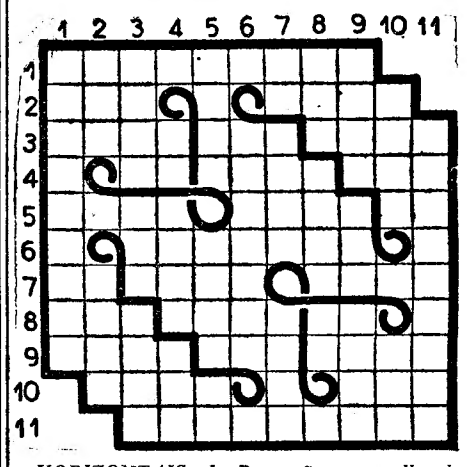
O Presidente, a) *Salvação Barreto*

BASILISA PEDROSA

participa às suas Ex.mas clientes que vai para fora no mês de Setembro.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1060



HORIZONTAIS: 1—Povoação e concelho do distrito do Congo (Angola). 2—Norma de direito. Fito. 3—Engodo. Nome de mulher. Limpo com água. 4—Campeão. Apelido. Maior. 5—Membrana circular entre a córnea e a face anterior do cristalino. Conduzo. Nota de musica. 6—Revestir. 7—Graceja. Prender. Rabino. 8—Liga de mercurio e estanho, que se aplica nos espelhos. Lavrar. Utensilio. 9—Movimento periódico das águas do mar. Estime. Pronome demonstrativo. 10—Pouco espêssa. Cidade espanhola, á beira do rioMinho. 11—Grandes sofrimentos.

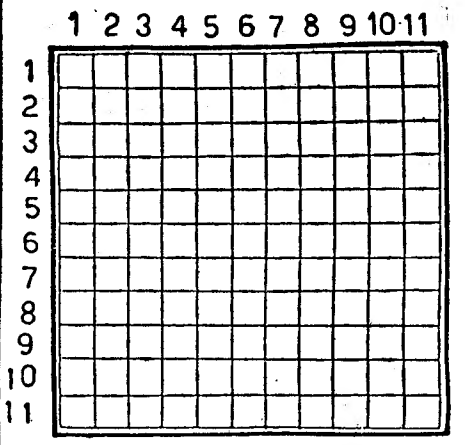
VERTICAIS: 1—Atraíram a si. 2—Espaço de tempo. Erguer. 3—Tubo, ou meia cana, donde corre água. Cólera. Rezam. 4—Artigo (pl.). Frecha. Pronome pessoal. 5—O mesmo. Rosto. Paralisia. 6—Vigiaram. 7—Preposição. Acolá. Redimi. 8—Sinal gráfico. Vila do distrito de Aveiro. Base. 9—Pertenciam. Agora. Cidade italiana, á beira do rio Barbo. 10—Antepassados. Transpiro. 11—Extravagantes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1059

HORIZONTAIS: 1 — Rascadura. 2—Paro. Alo. Mina. 3—Ora. Via. Mim. 4—Sá. Diafa. Ló. 5—Tá. Cessada. Al. 6—Evora Monte. 7—Ré. Radiara. AC. 8—Ia. Mando. Lê. 9—Opa. Sua. Ser. 10—Roma. Ima. Vaia. 11—Sagrareis.

VERTICAIS: 1—Posterior. 2—Rara. Ave. Após. 3—Ara. Côr. Ama. 4—Só. Deram. Ag. 5—Cá. Visadas. Ir. 6—Alias. Inuma. 7—Dó. Afamada. Ar. 8—Um. Adoro. Vê. 9—Rim. Ana. Sai. 10—Anil. Ata. Leis. 11—Amolecera.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 141



HORIZONTAIS:—1—Enorme. 2—Lamentos. Maior 3—Alto aí! Ave pernalta semelhante ao avestruz. Derrota. 4—Brada. Textualmente. 5—Vira do avesso. Nêsse lugar. 6—Sufixo com que se formam alguns diminuitivos. (fem.). Troçou. 7—Artigo definido. Embrião. 8—Chefe etíope. Enfurecera-se. 9—Filas. Consentimento. Espaço celeste. 10—Também não. Tilia. 11—Atacariam.

VERTICAIS—1—Estragara. 2—Pequeno ferimento nas crianças. Cloreto de sódio. 3—Apelido. Cento e seis romanos. Curo. 4—Inflamação da espinal-medula. Preposição que denota ausencia. 5—Calculara a olho. Pronome pessoal. 6 Estima. Fluido aeriforme. 7—Algarismo. Volta na extremidade dum prego para que se não arranque da madeira. 8—Grande quantidade. Decidir. 9—Pequenos arcos. Certa. Vá. 10—Irmã do pai. Epoca. 11—Aclamaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 140

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	J	U	B	I	L	O	■	F	I	A	M
2	O	N	E	R	A	R	A	■	M	I	O
3	G	E	■	■	B	A	L	A	■	S	I
4	A	■	C	R	O	T	A	L	O	■	R
5	■	O	L	O	R	O	S	A	■	T	A
6	O	R	A	■	■	R	■	■	A	I	O
7	V	A	■	P	A	I	S	A	N	A	■
8	E	■	P	A	R	A	I	S	O	■	T
9	L	A	■	Z	O	N	A	■	■	I	R
10	H	A	S	■	S	O	I	D	A	D	E
11	A	R	A	M	A	S	S	E	M	O	S

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 4.ª pag.)

lencio hostil que era sinonimo duma recusa passiva, optou em discutir a sua verdadeira posição: «Não és só tu que o ganhas. Nem tanto nem pouco. A ti nada te satisfaz. Eu tambem me farto de lutar e os meus vestidos, os sapatos da nossa filha e os alfinetes todos da casa, sou eu que os pago!».

—Está bem, não digo o contrário...—replicara o homem com benevolência.

—Eu fui criada com mimos, os meus pais tinham aparelho e tu... e tu...

Todos os dias, por tudo e por nada era aquilo: conversas que degeneravam em discussões azedas. A mulher, se fôsse outra, se sentisse bem a responsabilidade que êle sentia, se sofresse bem o que êle sofria, tinha, com certeza, outros pensamentos.

* * *

Aos sete anos de casado estava crivado de dividas e a mulher sempre comprara a telefonia. Teimosa, não compreendera que a vida estava impossivel. Que êle, Renato, não tinha onde o ir buscar para fazer face ás prestações das letras e que, afinal, ter uma vida bonita, é não dever nada a ninguem.

Desabafara ao Cristino o seu despeito. O outro, depois de o ouvir com muita atenção, deulhe um conselho:

—Vai com a tua mulher ao médico, pá... Aquilo pode ser do sangue..., o paí,... a mãe...

Do corredor, o continuo gritou:

—Senhor Renato!

Era o engenheiro que o chamava ao gabinete.

—Recebi três cartas em que me pedem para lhe descontar no ordenado contas que você deve—disse, gravemente.—A da mercearia e a do padeiro, desculpam-se, sempre são atrasos que qualquer homem tem... Agora a da casa das telefonias, você, que é um modesto funcionario das obras publicas, é que não posso compreender... E depois duma pausa: —A lei diz e eu cumpro: deste mês em diante principiarei a descontar-lhe no ordenado!...

—Agora, sim...—pensou o desgraçado.—O que vai dizer-me a mulher quando lhe faltar com o dinheiro para as batatas, para os ovos...

E num repente: «Estes sujeitos não compreendem como uma pessoa pobre possa ter uma telefonia! Não temos o mesmo direito á existencia? Mas está bem, têm razão...

Mas o chefe tirou-o de divações:

—Portanto fico neste dilema. A disciplina é a maior arma contra os abusos. A lei diz e eu... cumpro, pois então!

A da S.

NOITE DE RÁDIO

no Casino Estoril

E', finalmente, hoje á noite, depois do cinema, ás 23 horas que vai realizar-se, no Casino Estoril, o mais extraordinário espectáculo, dedicado á Rádio e em que colaboram todos os nossos postos emissores particulares. A esta festa, deu também gentilmente a sua colaboração a Emissora Nacional, fezendo-se representar, não só no jantar de confraternização que antes se realiza, como na apresentação artistica, por um dos seus mais notáveis locutores e pelos artistas ultimamente consagrados, Luiza Maria e José António.

Todos os seus melhores artistas de rádio, bem como os seus locutores, que farão a sua apresentação, exibem-se nesta grandiosa festa que marcará mais uma bela noite de arte, no Casino Estoril.

Os nomes de todos quantos colaboram neste festival e que já demos, são sobejamente conhecidos do nosso publico, pelo seu valor, o que é garantia dum superior êxito.

O espectáculo será aberto com uma interessante palestra radiofónica, pelo distinto radiofilo António Luiz Ferreira, e o festival radiodifundido pelo Rádio Clube Portugus.

TAUROMAQUIA

Simão da Veiga em Espanha

Para Espanha partiu hoje o cavaleiro Simão da Veiga Junior que ali vai tourear uma serie de corridas para que está contratado, a começar no domingo, 26, em Puerto de Santa Maria, com Alvaro Domecq e talvez já com a reaparição de «Manolete».

A corrida de hoje em Algés

Para a corrida de touros de Palha Blanco que hoje, ás 18 e 30, se realiza em Algés, em honra das Nações Unidas, com os cavaleiros António Luiz Lopes e Francisco Murteira Correia, e os «espadas» Curro Caro e «Dominguin», têm entrada todos os jornalistas com a simples apresentação da carteira profissional.

OS MELHORES FATOS DE BANHO
(Tabelados)
PARA HOMENS
TORRE EIFFEL
Telef. 2 3833
Rua do Carmo, 104-106

O RELEVO

(Continuação da 4.ª pag.)

da turba (Mm. 140); *vagares deste verão* (R. pref.).

3)—A mesma letra inicial em dois verbos.

Exs.: *afaga e alarga* (C. 221); *cantando e ceifando* (F. M. 10); *desaparecera ou deperecera* (C. e S. 51); *estonteie e esfalfe* (C. e S. 248); *flameja e fumega* (C. 175); *incomodava e impedia* (N. C. 12); *merenda e mofa* (C. R. 479); *polira e poira* (C. R. 506); *redemoinha e rebenta* (C. 176); *sorrindo e sorvendo* (P. A. 92); *trinca e traga* (C. 180).

4)—A mesma letra inicial no substantivo e no adjectivo que o qualifica. (E' tão vulgar que nos dispensamos de mencionar a obra e a página).

Exs.: *admiração absurda; brial branco; corça ciosa; desdens divinos; escarlate estridente; extraordinária existência; fusos faiscantes; gesto generoso; hervas humidas; imperturbada indiferença; lustrosa lua; maravilhado murmurio; prece perenal; retiros remotos; sinistra serenidade; sciência spagirica; torva terra; vegetal viçoso;* e também: *Benta Bexigosa; Eterna Equidade; Heroica Hespanha; Venus Victoriosa, etc.*

5)—No substantivo e no verbo.

Exs.: *amava as armas* (C. 222); *babava nos braços* (M. 1.º v. 61); *corvos cortam* (P. B.º 470); *farrapos fumavam* (M. 2.º v. 471); *gemer nos gonzos* (C. 255); *homens que habitavam* (M. 2.º v. 471); *leria livros* (P. B.º 470); *mundo marchava* (M. 1.º v. 46); *pássaros pousavam* (P. B.º 337); *rosnava rezas* (P. B.º 339); *sangue suja* (Mm. 24); *tomava tons* (M. 1.º v. 189); *voz vinha* (P. B.º 340).

6)—No adjectivo e no verbo.

Exs.: *agachada abriga* (C. 197); *coada caindo* (M. 1.º v. 150); *estava estirado* (Mm. 22); *fôra funesto* (Mm. 72); *prosseguiu paciente* (Mm. 18); *ser são* (M. 1.º v. 83); *taciturno tremia* (M. 1.º v. 31); *veneráveis vergavam* (C. 195).

7)—No verbo e no adverbio.

Exs.: *aprontava amorosamente* (C. 243); *coçou convulsivamente* (P. B.º 644); *despender despropositadamente* (M. 1.º v. 9); *fumegava fetidamente* (P. B.º 435); *gabava gratamente* (C. e S. 278); *imaginar imediatamente* (Mm. 66); *lentamente lambe* (C. 201); *morriam miseravelmente* (N. C. 19); *perturbava-me prodigiosamente* (Mm. 12); *rolavam ricamente* (P. B.º 405); *sorrindo silenciosamente* (P. B.º 501).

8)—Em dois nomes próprios.

Exs.: *Anibal e Aristóteles* (C. R. 469); *Bossuet até Beaumarchais* (F. M. 114); *Homero a Hugo* (?); *D. Miguel Messias* (M. 1.º v. 16); *Ronsard, Racine* (N. C. 121); *Sócrates e Sénecas* (F. M. 152); *Salomão até Schopenhauer* (?); *Astarté e Adónis* (R. 239); *Biblia, Babel* (Mm. 106); *Jesus e Judaismo* (R. 260; *Olympo até Ogigya* (C. 322); *Rachel e Rebbeca* (N. C. 295); e ainda: *Cartilha e Código* (F. M. 96); *Inanimado e Inconsciente* (C.194); *Fome e Furor* (C. 190); *Templo e Taverna* (F. M. 73), etc.

E' notavel a obsessão de E. de Q. pelas maiusculas com a mesma grafia. Patenteia-se até na escolha das personagens dos seus romances, e em tudo o que se prende com elas. Assim, *Amélia* gosta de *Amaro*, *Teodorico* é o companheiro de *Topsius*, autor da *História de Herodes*. O primeiro, que almejava os contos de *G. Godinho*, gostou da *Adélia* de um *Adelino* e veio a apaixonar-se pela *Miss Mary*, com quem passeava á beira do *Mamoudieh*. Quando a tia o escorraça, vai para um quarto do *Pita* á travessa da *Palha*. *Carlos*, amigo do *Craft*, do *Cruges* e dos *Cohen*, é filho de *Maria Monforte da Maia*. No *Primo Basilio*, outrossim, *Jorge* é amigo de *Julião* e tem duas criadas: *Juliana* e *Joana*. *Basilio*, com interêsses na firma *Bastos & Brito*, e *Brito* de apelido, parte um dia para o *Brasil*, mais especialmente a *Baia*. *Leopoldina* é amiga de *Luisa*. Na sala desta, há duas gravuras: a *Medéa* de *Delacroix* e a *Martyr* de *Delaroche*, e os dois volumes do *Dante* de *Doré*. Quando Luiza agoniza, alguém alvitra que se chame «o doutor *Barbosa*, o doutor *Barral*». *Gonçalo* é irmão da *Gracinha*. *Cavaleiro*, que a seduz, encontra um dia em *Cintra*, na estrada de *Colares*, o *Cavalheiro*. *Alipio Abranhos* é biografado por *Z. Zagalo*. E *Jacinto*, dentro dos *Contos*, boceja no *Jasmineiro*...

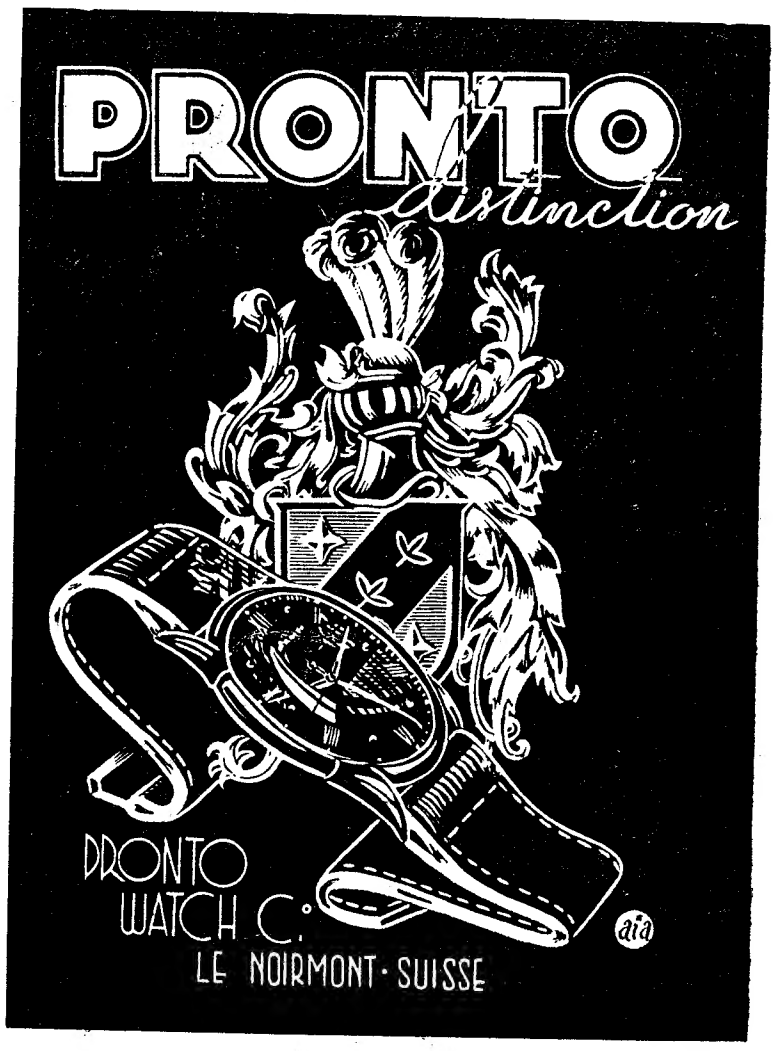
Emfim, os exemplos dêste género são ás centenas. Mas há mais: muitas vezes E. de Q. começa os periodos por uma maiuscula igual á da ultima palavra do periodo precedente. Dir-se-ia que também procurava um pretexto arquitectural de beleza no aspecto gráfico da prosa.

Exs.: *Paris. Parecia-lhe...* (M. 1.º v. 42); *Assyria. Adiante...* (R. 314); *Delta. Demais...* (N. C. 2); *Farpas. Falarei...* (N. C. 46); *Santuário. Sentei-me...* (Mm. 109). *Teodoro? Têm...* (Mm. 111); *Adonis. Além...* (N. C. 272); *Pan. Pouco...* (N. C. 300); *Marselha. Morri!* (C. e S. 156); *Jordão. Justino* (R. 101). *Coitada! Conta...* (P. B.º 532); *Estoura! Eu estou...* (P. B.º 603), etc.

PEDRO MAYER GARÇÃO

N. R.—*Por falta de espaço, dividimos o notável artigo do brilhante escritor Pedro Mayer Garção em quatro partes, que iremos publicando, em numeros sucessivos, do «Suplemento Literário».*

Leiam hoje o sempre fixe



O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

gumas vezes, brados como este;—aí não me bata mais, não me bata mais! Era o Maldonado a sovar a familia. Na rua os vizinhos tinham azar quando se cruzavam com o Maldonado. Pois foi este homem que Rafael escolheu para seu intimo! Era com êste homem que êle se sentava á mesa dos cafés! Ouvia-se Rafael dizer:—«o sr., Maldonado, que é um grande amigo!».

Foi uma consternação geral! Como podia ser, uma simbiose entre pessoas tão diferentes—o Rafael e o Maldonado?

Eu um dia não me contive, perguntei a Rafael:

—Porque é que o sr. é assim tão amigo do Maldonado? O sr. não sabe quem êle é?

O sr. não sabe quem êle é?

Rafael fitou-me, com os seus olhos azues claros e frios, mesmo de boa pessoa e respondeu-me:

—Sei, muito bem. Mas finjo que não sei! Não vê o sr. que eu devo-lhe favores. Aqui há tempo eu tive um revez nos meus negócios, estive quasi, quasi, a abrir falência...

Sorveu a chicara do café e concluio:

—O Maldonado nessa altura emprestou-me dez contos, que me fizeram um arranjão. E isto era tanto mais para agradecer que êle era conhecido e amigalhaço dos meus créditores, que queriam ficar-me com a casa. Bem vê, estas coisas não esquecem e eu, por isso fecho os olhos...

Eu, bebi tambem o café para disfarçar.

Que secreto instinto fez com que eu, quando tôda a gente punha o Rafael nos carrapitos da lua, nunca fosse «rafaelista»—por mais que me censurassem a minha reserva os entusiastas de Rafael?—R. C.

Crítica literária

(Continuação da 5.ª pag.)

cerra alguma coisa do muito que uma mulher tem sempre dentro de si capaz de a justificar aos olhos dos outros. Maria de Figueiredo, de posse aqui de um tema que ela não criou, mas a que soube transmitir a sua compreensão e o calor da sua feminilidade, conseguiu escrever uma novela—uma quási novela—com algo de pessoal e de humano. Eis o que não acontece com as outras composições do livro. Temas romanescos, artificiais e de mau gôsto, as demais novelas não conseguem manter-se com literatura de ficção. Pertencem a um género híbrido, género que abunda, aliás, nos nossos magazines e tem entre nós tantos admiradores como cultores.

E' modêlo do género a novela *Sortes*, em que uma céguinha recupera a vista e uma actriz cede o seu lugar junto do amante á mulher a quem salvara da miséria. Gesto de sublime elegancia, a atitude da tal D. Novela (?!), não passa de um nariz de cera romanesco. Tudo é artificial e falso no comportamento das personagens de tal narração. Não nego a Maria de Figueiredo predicados literários. Parece-me, porém, que sem um bocadinho de sinceridade e de bom gôsto nunca chegará a tirar dêsses predicados o devido proveito.

J. G. S.

AS TARDES DAS CRIANÇAS

nas festas de Cascais

Serão consagradas ás crianças as tardes de sabado e domingo no recinto dos magnificos jardins Castro Guimarães, onde estão a realizar-se festas a favor da Maternidade Maria Amalia Vás de Carvalho, daquela vila. Haverá nas duas «matinées», uma série de surpresas apropriadas, que deixarão a mais agradavel recordação no espirito infantil.

Para o «garden-party» de sabado e domingo, com Fausto Caldeira e a sua orquestra no recinto do «dancing», alguns membros do Govêrno, do corpo diplomatico e muitas outras pessoas têm já reservadas as suas mesas.

CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS

Na Junta Autónoma de Estradas foi hoje de tarde á praça uma empreitada para a construção da estrada nacional n.º 267—antiga estrada nacional 105-2.ª—lanço entre a ribeira do Alserce e Moncique, distrito de Faro, sendo a base de licitação de 2.498.132$00.

Transportes entre Braga e o Gerez

Foi publicada a tabela dos transportes, por camionagem, entre a estação de Braga e o despacho central do Gerez—serviço combinado entre a C. P. e a Emprêsa Hoteleira do Gerez, Ld.ª

Jóias — Pratas antigas
Compramos sempre por bom preço
BARRETO & GONÇALVES, L.DA
AVALIADOR OFICIAL
17, Rua Eugénio dos Santos, 19

A DONA GRALHA

A Medusa com cabeleira de serpentes, terror do indefeso e plumitivo bipede que escrevinha em jornais; a *gralha tipografica*, pela qual o velho Guttemberg esperneou no purgatorio, a dar contas a Deus; a Dona Gralha, roliça e farfalhuda, intriguista e mexeriqueira, colocou-me mais uma vez em conflito com o senso comum, substituindo as «*operarias escravizadas*» que eu tinha posto no papel, por «*operarios civilizados*» que, no meu artigo «*SEM AMANHÃ*», não vinham nada a propósito. Esta inversão de sexo e de estado social deturpou o meu pensamento, mas deu-me o ensejo de desenvolvê-lo melhor, se o leitor consentir.

Tratando-se do Japão, nunca seria de empregar a expressão «*operarios civilizados*», porque o nivel da vida naquele país acorrenta as classes trabalhadoras a um grau de miséria que lhes não permite a menor tentativa de subirem de plano.

Quem pôde apreciar, antes da guerra, a cultura, a aprésentação e o ar de civilidade das classes operarias, nas monarquias socialistas do norte da Europa; quem reconheceu a impossibilidade de distinguir se um transeunte das ruas de Estocolmo é medico, serralheiro, advogado ou trolha, dado o esmero com que todos se apresentam; quem viu e profundou estes fenomenos sociais não pode adjudicar aos operarios do Japão o atributo de civilizados, por maior que seja, entre êles, o culto do asseio. Humildes, aferrados ao trabalho, resistentes e probos, são eles, inquestionavelmente; para os civilizar, porém, seria indispensavel multiplicar por cinco a instrução e o salário, e reduzir de um terço as horas de trabalho. Mas o Japão viveu sempre desta exploração exacerbada da mão de obra, que lhe permitia bater os preços de todos os mercados. Quanto ao desenvolvimento da instrução popular, tem faltado ao Japão a coragem de substituir o seu complicado alfabeto silábico pela expressão gráfica europeia que, sobre ser mais simples, lhe abriria o dique dos mananciais enciclopedicos do Ocidente.

Não foi, pois, «*operarios civilizados*», mas «*operarias escravizadas*» que eu escrevi, porque as mulheres, nas fabricas japonesas, trabalham no regime de internato; comem nos refeitorios a sua malga de arroz e dormem em camaratas, como os soldados. Só em certos dias têm licença para sairem da fábrica, por poucas horas. A maioria delas é comprada aos pais e fica propriedade da empresa, na mesma situação aproximada dos antigos escravos do Ocidente. Esta lamentavel situação deriva da necessidade imperiosa de mão de obra barata, que a industria japonesa de competição criou a si própria, porque a verdade é que, naquele país, a mulher mereceu sempre um respeitoso culto e a estrutura familiar é cimentada em sentimentos de ternura, entre os vivos, e de veneração pelos mortos.

O mal do Japão foi ter copiado da civilização ocidental o que ela tem de pior e de mais avesso ás virtudes niponicas, deixando-se dominar por duas oligarquias por igual desvairadas—a financeira e a militar. Qualquer delas julgou rasgar caminhos novos ao destino da nação, sem visionar que êsses caminhos conduziam ao cemiterio.

A grande, a angustiosa, a dramatica preocupação dos altos dirigentes das sociedades humanas, nesta hora em que a desgraça iluminou o mundo com as suas lições, é desviar os povos dêsses dois caminhos de maldição, em cuja sombra gelada a alma colectiva fica ressequida e estéril, para todo o sentimento de Fraternidade Humana.

FELIX BERMUDES

NOTICIAS DE BAIÃO

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 22 — O major-aviador sr. Humberto Cruz visitou os terrenos de Rosenda, Gove e Algária dêste concelho, a fim de verificar qual dêles oferece melhores vantagens para adaptação a campo de aviação. Ao que nos consta, o do Gove foi o que mais o interessou.

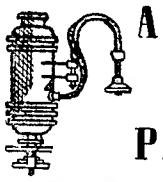
Notícias de Pedrógão Grande

PEDROGÃO GRANDE, 22.—Devido á falta de «pneus», parou a carreira de passageiros Pedrogão-Lisboa, o que acarreta grande prejuizo a esta região.

VIDA MUNDANA

NASCIMENTOS

Teve ontem o seu bom sucesso a sr.ª D. Odette Garde Simões Contente Fernandes, esposa do sr. dr. Contente Fernandes, mãe e filha encontram-se bem.



A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

Esquentadores — Banheiras — Roupeiros e todos os Artigos de Casa de Banho—**Fogões e Fogareiros** de gás, nacionais e estrangeiros. **Fogões de lenha,** em ferro fundido esmaltado e em chapa, muito economicos—Loiças sanitarias—Mesas para cozinha

BONITOS CANDEEIROS

TELEFONIAS

J. COSTA & SILVA, L.DA

RUA ARCO DO BANDEIRA, 79, 1.º

LISBOA—Telef. 2 6713

NO CINQÜENTENÁRIO DA MORTE DE GERVASIO LOBATO

Gervásio salva a Rainha

duma situação dificil

Não exagéro se disser que na casa da travessa do Convento das Bernardas, onde morou Gervasio Lobato, decorreram, por vezes, horas de excepcional interêsse—dignas mesmo de se registarem nos anais da vida literária, artistica e social daquele tempo.

Ali Manuel Pinheiro Chagas dera-se ao gôsto de fazer conhecer algumas cenas das suas péças «A Morgadinha de Val-Fdôr» e «Lição Cruel» (esta, a ultima que escreveu aquele eminente homem de letras), ali, Henrique Lopes de Mendonça, D. João da Camara, Macedo Papança, Fernando Caldeira... declamaram muitos dos seus preciosos trabalhos; ali, é que Eduardo Schwalbach decide, animado pelo insistente e amigo conselho de Gervasio, mandar para D. Maria o seu primeiro original («O Intimo»)—o qual obtem um clamoroso exito; ali, Viana da Mota, fazendo-se ouvir em primeiras audições, após o seu regresso da Alemanha, evidencia-se futuro pianista de extraordinarios recursos; ali, tambem Ciriaco Cardoso começa a ganhar foros de inspiradissimo compositor, musicando os poemas de D. João da Camara nas operetas de Gervasio: «O solar dos Barrigas», «O burro do sr. Alcaide», «O testamento da Velha»; ali estiveram as presenças ilustres do grande Rafael Bordallo, de Luciano Cordeiro, e da veneranda fidalga «doublée» de escultora distinta, senhora duquesa de Palmela.

Por educação, por feitio, por instinto, Gervasio adorava conviver; todavia de preferencia com intelectuais de talento, artistas, e personalidades de alta estirpe... Assim se explica que nas recepções em sua casa reunisse á volta de si algumas das figuras de maior destaque da sociedade lisboeta.

Por outro lado, tambem essas figuras se comprazeriam em participar de tão prestigioso *entourage*, se pensarmos que o famoso dramaturgo já então contava, no seu activo de originais representados, retumbantes sucessos — alguns até memoraveis, como «O comissario de Policia», «Sua Excelencia», «O burro do sr. Alcaide», «As noites de Eneias», «Em boa hora o diga!» etc.

Trabalhava quasi incessantemente. De dia: para os jornais, de noite para o teatro—sendo raro deitar-se antes das três, quatro horas da madrugada...

Era um nunca acabar de encher linguados e laudas de almaço—com a sua caligrafia miudinha e traçada velozmente por um dos seus habituais aparos de bico rombo, que tinha, ao meio, um «L» maiusculo, em relêvo...

Tão extenuante labôr seria, vamos, suficientemente recompensado... Mas ele não tinha; nunca tivera, disposição para amealhar. Caso vulgarissimo, aliás, nos homens de genio. Onde, porém, mais despendia: era na sua alimentação e na da familia.

Já escrevi algures: que Rafael Bordallo preferia a bebida á comida (refiro-me apenas, é claro, á sua predilecção pelo cognac). Pois Gervasio... a inversa: durante as refeições uns ligeiros golos de Colares tinto (burrifados com agua de Seltz)—e nenhum alcool mais! Mas a comer... era de respeito! Um caso sério!

Alguem lhe chamou: «o terror das mesas redondas»...

E quando lhe punham na frente um dos seus pratos favoritos—rósbife, linguado *au gratin*, favas guizadas (principalmente «favas guizadas») então, não comia: devorava!

Igualar-se-ia, talvez, ao maestro Rossini, celebre gastronomo... Ora justamente numa tarde em que ele tinha para o jantar as suas «ricas favas», anunciam-lhe uma visita:

—O sr. dr. D. Antonio de Lencastre pregunta se o sr. Lobato o pode receber... (?)».

—Com muito gosto!...». E após um relance pelo seu trajo caseiro: «Oh' co'os diabos, e eu nesta figura (!)... Tragam-me já o outro casaco!... Olhem, olhem: e tambem os sapatos da rua!...».

D. Antonio, mal surge na antecamara—onde Gervasio já o aguardava de braços abertos e sorriso acolhedor—ataca logo o principal assunto que ali o levara:

—«Você... ainda não jantou?...».

—«Não...».

—«Então venha comigo. Tenho lá fora a minha carruagem...».

—«Para onde, homem de Deus?».

—«Para o palacio Palmela... Você, creio, é a primeira vez que janta lá...? Mas não vista a casaca; a propria duquesa recomendou que se excluisse tôda a especie de cerimonia...».

Lobato, um tanto desconcertado, como se acabasse de receber um sôco na bôca do estomago, pôs-se a coçar lentamente a barbicha com a ponta do dedo e, por fim, sorrindo, titubeou:—«Mas que brincadeira é essa, oh! Lencastre?... Sim, para *poisson d'avril* acho um poucochinho tarde, visto já estarmos em começos de maio... !

—«Não é brincadeira, ouça: é que a duquesa precisa de lhe falar com certa urgencia, e entendeu que para isso o mais pratico era pedir a você o favor de ir jantar com ela, hoje».

—«Hoje?... Impossivel! (acode imediatamente Gervasio), porque tenho pessoas de fora a jantar. Mas... com muito prazer, noutro dia; amanhã, por exemplo... (?)».

—«A razão, que apresenta, é de peso; portanto, não insisto...—concordara Lencastre, emquanto abotoava a sua irrepreensivel sobrecasaca negra.

—«E que me quererá a duquesa (?) você ainda não me disse... (?)».

—«Não faz assim... a menor ideia?...».

—«Calculo: uma peça para alguma festa de beneficencia...?».

—«Acertou!... No entanto, o pedido não parte propriamente dela, mas da rainha».

—«Da senhora D. Amelia?...».

—«Sim. E... como acolherá você (prosseguiu D. Antonio) tal pedido?».

—«A pregunta nem parece dum palaciano emerito como você, meu querido Lencastre...! Bem sabe, e melhor que ninguem, que «uma rainha não pede, ordena!».

* * *

Agora, Lobato, sentado á mesa da sua sala de jantar—com a numerosa familia e o seu quasi constante comensal D. João da Camara—todo se refestelava a garfalhar nas «suas ricas favas guizadas».

—«Garanto-vos que o cozinheiro da Palmela, o mais caro de Lisboa, não as faria melhor!—exclamou, regalado..

Depois... ninguem tugiu, nem mugiu. Só se ouviam os arrastados passos da velha ama de Gervasio, servindo á mesa, o trepidar continuo dos talheres e, por vezes, vagos gorgolejos de agua ou de vinho tombando nos copos...

Por fim, D. João interrompe o silencio, murmurando para Gervasio (ao mesmo tempo que o fitava por cima da luneta, e com o seu olhar muito dôce, como lhe era habitual):

—«Não te será inteiramente suportavel escreveres mais um original, agora, tendo, como tens, tantas coisas entre mãos... (?).

—«Um actozinho, homem (!) faz-se num rufo!... O que não posso, de modo algum, é dizer *não* á rainha. Mas (acrescentou, suspendendo uma suculenta garfada) deixemos isso para depois!... Agora, vamos... mas é *á fava!!* Estás de acôrdo?».

—«Estou... E tanto... que até queria mais... (?).

—«A' vontade, meu filho!... A questão é que ainda haja... (?). E, se há, serve-te depressa!!

* * *

No dia seguinte, ao dirigir-se ao palacio Palmela, ele ia, com efeito, resolvido a não escrever mais que um pequeno acto, com dois ou três personagens, para a tal festa de caridade. E foi isto mesmo que declarou á sr.ª duquesa. Esta, entretanto, não se dera logo por vencida, e deitou mão dos seus mais sugestivos argumentos:

—«A recita é em beneficio dos operarios sem trabalho, e promovida por uma comissão de que fazem parte: a rainha, que a ela preside, as marquesas de Rio Maior, de Fronteira e Alorna, D. Teresa Barbosa du Bocage, D. Mariana Andrade, e eu.

Planeado o programa, assentou-se que o seu numero de honra (partiu da rainha a ideia) fôsse constituido por uma comedia *sua*, e em que entrassem artistas de renome. Concordámos que seria assim a unica maneira de S. Carlos se encher completamente nessa noite... *Tudo no entanto, depende* (ainda palavras dela) *do acolhimento que este pedido merecer ao Gervasio Lobato...* Qual agora, meu bom amigo, a sua definitiva resposta?».

Gervasio, já então de pé e braços caidos, como um vencido que se entrega sem condições, diz num tom simultaneamente solene e jocoso:

—«A mesma que dei ontem ao Lencastre: o pedido duma rainha é uma *ordem!*

* * *

A peça que ele escreveu «para ser representada *pela primeira e unica vez*», na noite de 1 de junho de 1892, em S. Carlos, *a favor dos operarios sem trabalho*, foi a farsa, num acto, intitulada «O Festim de Baltazar».

Apesar dos elevados preços dos lugares, a sala—onde se viam a Familia Real, sorpo diplomatico, nobreza e burguesia rica—encheu-se até ao ultimo recanto do «galinheiro»!

Obteve a farsa um completo sucesso, para o qual tambem muito concorrera a admiravel comicidade dos artistas que a interpretaram (os mais cotados do genero, nessa epoca): Taborda, Vale, Alfredo de Carvalho, Augusto, Cardoso, Queiroz, Silva Pereira—e Barbara, Jesuina, Amelia Barros, Florinda...

O produto da bilheteira excedera por tal modo a espectativa que parte dele ainda se destinou para a fundação da 1.ª Cozinha Economica de Lisboa, benemerita iniciativa da duquesa de Palmela.

No entanto, a rainha não se cansava de afirmar que esses avultados lucros se deveram especialmente ao interesse que despertara a representação da *farsa*.

Então, e de acôrdo com o Govêrno, el-rei D. Carlos achara oportuno e justissimo agraciar Gervásio Lobato, com o oficialato da Ordem de S. Tiago—cujas insignias lhe foram, depois, oferecidas pelas próprias mãos da excelsa rainha senhora D. Amélia. Para essas tão elevadas homenagens, decerto concorreriam, em parte, diligências favoraveis da senhora duquesa. Gervásio, assim o entendeu, decidindo, com sua mulher convidar os duques de Palmela para uma «soirée»-concerto em sua casa. Compareceram SS. Ex.as.

E não será demais acreditar que a festa dessa noite em casa de Gervásio marcou como uma das mais animadas e interessantes que, por êsse tempo, se realizaram em Lisboa. Tocaram ao piano: Viana da Mota, maestro Augusto Machado; no violino: o virtuose Henrique Sauvinet; cantaram: tenor António de Andrade, o baritono (italiano) Menotti, e uma filha de Luciano Cordeiro; disseram versos: D. oão da Camara, Lopes de Mendonça, conde de Monsarraz, actores Eduardo Brasão, João e Augusto Rosa... Poucos dias depois, em contrapartida, os duques de Palmela oferececem no seu palácio, um jantar intimo a Gervásio e esposa.

Julgo que estiveram presentes, além das senhoras da comissão promotora da *récita* e seus maridos, o conde de Mafra e D. Antônio de Lencastre. Registe-se, desde já, que o laureado autor de «O Comissário de Policia», se encontrava nessa tarde nos seus melhores momentos de boa disposição, de alegria e de humorismo. Daí, quer individualmente ou dialogando com o conde de Mafra (também pessoa de muito espirito a conversar) ter feito rir a bom rir donos da casa e convivas.

Ninguém, de resto, ainda previa o que estava para acontecer no decorrer do elegantissimo repasto... Retirada a peça do assado, os criados fazem saltar as rôlhas doiradas do *champagne frappé* e, sucessivamente vão enchendo as taças... Nessa altura, a sr.ª duquesa, voltando-se para Gervásio, pronuncia estas palavras:—«Brindo por si, desejando-lhe muitos anos de vida e muitos êxitos no teatro!».

E, logo a seguir, parodiando a cena duma comédia de Gervásio, ergue-se e exclama:—«*em boa hora o diga!*»...

De pronto, todos os outros a imitam, pondo-se de pé e repetindo num vibrante unisono aquele brado votivo:—«*em boa hora o diga!*» A graciosissima atitude da nobre fidalga é premiada com risos e festivas aprovações da assistência. Esta, porém, mal reocupa os seus lugares é, de novo, impelida a levantar-se, pois que Gervásio, «brindando agora pela saude dos senhores Duques», igualmente proferira o mesmo brado-mascote. Todavia para lhe dar augurio mais promissivo (como, aliás, acontecia na comédia) junta-lhe mais três palavras:—«em boa hora o diga... e de alto!»—expressão esta que impunha imediatamente a todos, o dever de treparem para cima das cadeiras!...

Calcule-se a sensação! Gervásio, contudo, apesar de sentir que o ambiente lhe era inteiramente favoravel, hesitava... com a mão apoiada nas costas da cadeira, o olhar interrogativo, sem atar nem desatar (!)... Foi a própria duquesa que o fez decidir: —«Trépe, meu amigo (!) que eu também trépo! Trepamos todos!.. Era até mau agoiro se o não fizessemos!... Dado o exemplo, todos—tanto os mais novos como *os mais velhos*—se plantam de pé sôbre os ricos cadeirões estofados e, nessa pitoresca posição se mantêm o tempo preciso para repetirem o brado votivo e golejarem depois, até á ultima gota, o *champagne* das suas taças!

Muito mais tarde, no salão contiguo, á hora frivola do café, dos licores e dos charutos, ainda muito alegremente se ria e se comentava acêrca do episódio, tão imprevisto como gracioso, que ocorrera no final dêsse jantar intimo —dado pelos Duques de Palmela em honra de Gervásio Lobato, o celebre comediógrafo.

TOMÁS D'EÇA LEAL

O ARRAIAL NOCTURNO

do São Paio da Torreira

TORREIRA, 22.—Realizam-se, nos próximos dias 7, 8 e 9, as tradicionais festas a S. Paio, que serão abrilhantadas por duas bandas de musica. Por determinação ecleciastica, contraria ao que sempre se verificou, o arraial nocturno que devia realizar-se de 7 para 8, passa para a noite e a madrugada seguintes, isto é, para depois das cerimonias religiosas. Resta saber até que ponto a massa popular, há longos anos habituada a cantar e dançar ao som das filarmonicas pela noite da vespera do dia consagrado ao santo, e a debandar após a realização da procissão, corresponderá á alteração que se anuncia.

AS VEDETAS DA RÁDIO

vão no sábado á Parede

Na noite do próximo sabado, realiza-se, no Parque Oceano, na Parede, uma grande festa, a favor da Associação de Beneficência e Socorros, Amadeu Duarte (bombeiros voluntários daquela localidade), na qual tomam parte as vedetas da Emissora Nacional Irmãs Remartinez, Gina Esteves, Cidália de Meireles e Maria Sidónio e os cançonetistas José António e Luiz Escobar, acompanhados pela orquestra ligeira da Emissora, dirigida por Tavares Belo, e com a colaboração do locutor Jorge Alves.

NEVOEIRO NA BARRA

Devido á forte cerração de nevoeiro, não houve hoje movimento de vapores no Tejo. O torpedeiro inglês «Active», que chegou a tentar sair para o mar, teve de fundear pouco depois de ter levantado ferro.

PARA OS NOSSOS POBRES

Um anonimo entregou-nos 100$00 para os nossos pobres. Agradecemos em nome dos contemplados.

FARMÁCIA HOMEOPÁTICA S.TA JUSTA

Aviam-se todos os medicamentos relativos ao sistema.

Lisboa. R. St.ª Justa, 6, 1.º esq.º

Portugal

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

«Dar de comer á quem tem fome»

A acção da UNRRA, de auxilio á Europa devastada e exausta, deu motivo a uma vibrante página de Francisco Valença, no «Sempre Fixe» de hoje.

Botelho foi muito feliz na sua página gráfica de «Ecos da semana», na qual se refere á Costa do Sol, á Caparica, a Cascais, ao Parque Eduardo VII, ao hockey em patins, á bomba atómica e ao «Dia do Bombeiro».

Norton, Pargana, Brandeiro, P. Carvalho e A. Santos são os outros artistas representados neste numero do engraçadissimo semanario que publica excelente colaboração humoristica em prosa e em verso.

Numero avulso: $50. Assinaturas: rua da Rosa, 57, 2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	994$	—	994$
Consolidado 3 % T. 10	1.020$	1.019$	1.020$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.061$	1.060$	1.062$
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.027$	1.026$	1.028$
Centenários 4 %	—	2.480$	2.485$
Obrigs, T. 2 1/2 1942	998$	998$	999$
Obrigs, T. 2 1/2 1943	—	—	999$
Externas 1.ª série	1.830$	1.826$	—
Externas 1.ª carimbadas	1.800$	1.800$	1.820$
Externas 3.ª série	—	1.950$	1.980$
Externas 3.ª carimbadas	1.920$	1.900$	—
Caut. da 3.ª série s/juro	—	288$	290$
Acções			
Esp.St.º e Com.L.ª port.	—	2.569$	2.585$
Lisboa e Açores por...	975$	975$	978$
Ultramarino cp. T. p....	495$	494$	495$
Portugal port. T. p. ...	—	1.665$	—
Mundial	1.550$	1.550$	1.560$
Nacional,, ...	—	—	1.690$
Sagres	2.070$	—	—
Aguas Lisboa 1934 T.p.	—	217$	225$
Cervejas Estrêla	—	1.840$	1.870$
Cimentos Tejo	—	—	570$
Cimentos Leiria T. p....	—	1.130$	1.160$
Crédito Predial port....	—	30$	30$
Gás e Electricidade cup.	326$	325$	326$
Alto Alentejo cupão...	642$	640$	642$
Industrial Aliança	416$	416$	—
Portugal e Colónias ...	344$	343$	344$
Nacional Naveg. T. p.	1.007$	1.005$	1.009$
Colonial Navegação ...	1.270$	1.265$	1.272$
Portug.ª de Pesca T. P.	930$	920$	935$
Port.ª de Tabacos cupão	632$	630$	635$
Tabacos Portugal cupão	—	—	750$
União Eléctrica Port.ª	701$	701$	708$
Cassequel	1.058$	1.058$	1.059$
Agricola das Neves ...	—	770$	774$
Agricultura Colonial ...	—	492$	495$
Açucar de Angola... ...	1.893$	1.893$	1.895$
Buzi	205$	204$	205$
Ilha do Principe	690$	690$	695$
Zambézia T. de 25 ...	115$	115$	115$
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 % ...	542$	542$	544$
Norte de Portugal 5%	114$	—	115$
C. P. 6 %	—	290$	295$
F.N.I. Moagem 5%T.p.	—	1.035$	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF 25482 RUA DA PRATA 48

T. S. F.
Reparações em toda a classe de receptores por muito dificeis que sejam, executam-se na bem conhecida
ELECTRO-LISBOA, L.DA
Basta telefonar e, sem mais incomodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado
ORÇAMENTOS GRATIS
246, 248, RUA AUGUSTA — Tel. 20568

A Roménia festeja a sua libertação do jugo germanico

O povo romeno recorda amanhã o primeiro aniversário do golpe da Estado de 23 de agosto de 1944, pelo qual se libertou do jugo germanico, regressando, assim, á sua politica tradicional, assinalada pela participação da Roménia ao lado dos Aliados, na primeira guerra mundial e pela adesão constante do país á politica da Sociedade das Nações e a todos os esforços para criar, sob a égide da França, da Inglaterra e da U. R. S. S., um sistema de segurança na Europa.

O acto de 23 de agosto do ano que passou foi obra do rei Miguel e dos partidos democráticos—o liberal e o camponês—sendo possivel graças á fidelidade do Exército para com o soberano.

Devido a esse movimento nacional, pôde a Roménia participar, com 15 divisões, nas lutas que levaram a Alemanha á derrota final.

O povo romeno espera, confiadamente, regressar á plena posse da sua independencia e liberdade, segundo os principios estabelecidos pelas Nações Unidas e ultimamente assentes nos acôrdos realizados, entre as grandes potencias vencedoras, nas conferencias de Yalta e Potsdam.

Agua das Pedras Salgadas a 6$40 o litro!

Os estabelecimentos onde se vende agua das Pedras Salgadas aumentaram há dias o preço das garrafas de quarto, que levam dois decilitros e meio, as quais passaram a custar 1$60 cada uma. Como se verifica, um litro desta agua passou a custar 6$40. Esta agua passou a custar mais que um litro de vinho que se vende a 2$00. E, como é sabido, o vinho é sobrecarregado com várias taxas, lucros para o armazenista e o retalhista, não falando ainda nos trabalhos e encargos com a produção da uva, a sulfatagem, etc., etc. Evidentemente que os encargos que é necessario ter com a uva e com o vinho, em nada se comparam com os da agua que brota duma nascente. Não se justifica de maneira alguma o aumento que a referida agua teve em quasi todos os estabelecimentos.

A farinha americana baixou de preço

A farinha americana que se encontra nos estabelecimentos, em pacotes de quilo, e que durante muitos meses se vendeu a 15$00, passou a vender-se a 10$00.

O ferido de Meleças parece que foi arrastado com a cabeça pelo chão

Da sala de observações do hospital de S. José, onde se encontrava desde anteontem de manhã, foi transferido para uma enfermaria o pedreiro João Ferreira, de 22 anos, residente na Baratã, que, depois de agredido de madrugada, á saida dum baile em Meleças, foi colocado sobre os «rails» da linha ferrea, a alguns metros do apeadeiro ali existente.

Como o ferido—que ficou com a cabeça num bolo e as roupas interiores ás tiras, em resultado da luta travada—tivesse afirmado á familia e ao cabo-chefe local, o comerciante sr. Antonio Francisco, que fôra agredido por uns alentejanos da Quinta daś Merendas, a Policia prendeu, como noticiámos, João José Farsadas e Antonio Nascimento Belchior, que dormem na referida quinta e que andam a trabalhar na dos Loios, na construção dum poço.

Estes, interrogados pelo chefe da esquadra de Sintra, sr. José Jacinto, declararam que no referido baile se trocaram sôcos entre o Farsadas e o Ferreira, mas que depois seguiram para a Quinta das Merendas, deixando o pedreiro na estrada. Negam, portanto, que o tivessem arrastado pela linha e colocado sobre os «rails».

Acontece, porém, que ao longo da linha, numa extensão de alguns metros, se vêem, além de pingos de sangue, duas poças, uma das quais no local donde êle se arrastou para casa, e cabelos agarrados ás chulipas. Isto leva a crer que o infeliz rapaz foi puxado pelos pés, arrastando a cabeça pelo solo.

Hoje foram ouvidas em Sintra a mãe do ferido e outras pessoas da Baratã que nada adiantaram de importante para as investigações. Limitaram-se a dizer que êle, quando se embriagava, era provocador e que falou diversas yezes em suicidar-se.

O estado do Ferreira é ainda muito grave, não se sabendo se conseguirá salvar-se.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

O CASO DA PRAÇA JOSE' FONTANA—Foi ouvido no Torel o pintor Guilherme das Dores Nunes, que na passada quinta-feira, na praça José Fontana, agrediu o empregado do Matadouro José Germano Ferrão que no dia seguinte faleceu no hospital, de S. José. O arguido declarou ao agente Simões, que o interrogou, que apenas lhe dera duas bofetadas de que resultou êle caír no chão, com uma congestão.

A exposição de pintura de *A. Hebil*

foi hoje inaugurada pelo Chefe do Estado

O pintor coimbrão Alberto Hebil, moço de talento criador e original, inaugurou hoje a sua anunciada exposição de pintura no salão do grupo «Amigos de Lisboa», na rua Garrett, 61.

Ela consta de 73 trabalhos, óleo, pastel e desenho, galeria da qual nos ocuparemos. Revelações de um artista sério, humanissimo, leal de processos e voluntarioso, cujo futuro já se pode considerar assegurado. Discipulo de Marcel Tuillier, o pintor Hebil não se sujeita, contudo, a formulas ou a processos. Tem expressiva individualidade.

A' inauguração assistiu o sr. Presidente da Republica, que chegou á sede dos «Amigos de Lisboa» ás 14 e 45, acompanhado dos srs. general Amilcar Mota e capitão Carvalho Nunes. Esperavam-no o sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional, professor dr. Amorim Ferreira, o sr. governador civil de Lisboa, comandante Nuno de Brion, o sr. dr. Lopes Dias, director de serviços centrais da Camara Municipal, e a direcção do Grupo, com o seu presidente professor dr. Celestino da Costa, sr. Pastor de Macedo, Matos Sequeira, Norberto de Araujo, Hugo Raposo, além de individualidades de destaque nas letras e nas artes.

O Chefe do Estado demorou-se a admirar a exposição e felicitou sinceramente o artista pintor A. Hebil, que nesta galeria afirma um verdadeiro êxito.

A produção de automóveis e de aparelhos de rádio nos Estados Unidos

WASHINGTON, 22 — Um funcionário da Junta de Produçã ode Guerra declarou ao correspondente da Reuter que as fábricas dos Estados Unidos estão preparadas para exportar grande numero de automóveis, a partir do principio do próximo ano, para a Grã-Bretanha e outros paises da Europa. O numero dos automóveis que serão embarcados por essa data depende das facilidades de navegação.

Em março de 1946 deve ter-se produzido na América mais de meio milhão de automóveis. Todas as empresas americanas procuram, em competição, atíngir o nivel de produção de antes da guerra.

Também na América se intensifica o fabrico de receptores da rádio, calculando-se que no fim do ano estejam prontos por volta de 2.500.000, a fim de serem exportados para o estrangeiro. Também o fabrico de camiões estará ao nivel de antes da guerra em principios de 1946.—(R.).

Prontos para o Futuro

Hoje a International Harvester constrói instrumentos para a guerra. Mas também constrói muitas máquinas, cujo trabalho na actual guerra é semelhante ao da paz. Por exemplo, milhares de TRACTORES «INTERNATIONAL» servem as Fôrças Armadas das Nações Unidas como principais transportes de grandes canhões, terraplanadores de campos de aterragem bombardeados, desbravadores de florestas e construtores de grandes estradas. Eis uma arma de combate já pronta para ajudar o trabalho da paz.

Quando os canhões se calarem, os TRACTORES «INTERNATIONAL» estarão prontos a retomar os seus trabalhos habituais — dando-vos fôrça para as vossas necessidades industriais e agrícolas.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY
Harvester Building Chicago 1, U. S. A.

Distribuidores em Portugal,
FASSIO, LIMITADA
20—R. Jardim do Regedor, 30—Lisboa

«INTERNATIONAL» — Construidos pela International Harvester, uma firma que tem mais de 110 anos de experiência de engenharia e manufactura.

INTERNATIONAL HARVESTER
EVA

COMER É UMA ALEGRIA!

Desapareceu-me a indigestão

Escusa de continuar a ser esquisito com a comida desde que faça desaparecer o excesso de acidez das suas funções digestivas. As perturbações do estômago, são ràpidamente eliminadas com a Magnésia Bisurada. Basta uma colherzinha de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada para, neutralizando essa hiperacidez, acabar com os arrôtos, sensação de pêso e outros sofrimentos semelhantes e da mesma origem. Não é preciso sofrer.

DIGESTÃO ASSEGURADA com
MAGNÉSIA BISURADA

À venda em tôdas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15$00 e 23$00.

O general MacArthur

deve aterrar em Tóquio

na próxima terça-feira

depois de ocupada a cidade

LONDRES, 22—Uma emissão da Rádio de Tóquio ouvida em Nova York e Melbourne diz que o jornal «Yomiuri Hochi» anuncia que o general Douglas MacArthur deve aterrar no aeródromo de Atsugi, ao sul de Tóquio, na próxima terça-feira, depois de estar concluida a ocupação da zona da capital nipónica por forças aliadas transportadas em aviões e em navios. O jornal acrescenta que três dias depois, o «acôrdo de tréguas» será assinado pelos delegados dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da União Soviética, e bem assim pelo general MacArthur e pelos representantes do Japão.—(Reuter).

A assinatura da rendição efectua-se em Tóquio no dia 30

MANILA, 22—MacArthur permanece silencioso quanto aos planos para a ocupação do Japão. Anunciou já que a assinatura formal dos termos da rendição se efectuará em Tóquio, em 30 do corrente.

As fôrças terrestres e navais norte-americanas que vão tomar parte na ocupação do Japão, que principiará pela área de Tóquio, receberam ordens terminantes no sentido de se manterem de prevenção rigorosa e de fazerem imediatamente fogo contra qualquer japonês que cometa qualquer acto de hostilidade.

Os barcos de guerra norte-americanos e ingleses que vão entrar na baia de Tóquio manter-se-ão em estado de constante alêrta e prontos a responder com a artilharia ao menor acto hostil praticado pelos japoneses.—(United Press).

As fôrças navais de ocupação compreendem centenas de navios

SAN FRANCISCO, 22—Rádio Tóquio anunciou esta manhã que se elevam a muitas centenas os barcos de guerra norte-americanos e ingleses, incluindo couraçados, cruzadores, porta-aviões e contratorpedeiros, que pairam junto ás costas das ilhas metropolitanas japonesas aguardando ordem de entrarem em determinados portos nipónicos, de acôrdo com as condições estabelecidas entre os emissários japoneses e os delegados norte-americanos que se reuniram recentemente em Manila.—(U. P.).

A rendição de Singapura

LONDRES, 22.—A rádio japonesa de Singapura disse hoje que o major general principe Haruhito Kanin, enviado pessoal do imperador do Japão, chegou a Singapura na segunda-feira, com ordem para cessarem as hostilidades.—(R.).

A rendição do exército japonês do Kuantung aos russos

MOSCOVO, 22—(Do correspondente especial da Reuter, Eric Downton)—O exército japonês do Kuantung rendeu-se tambem ontem formalmente em Karbin ao major general Shalakhov. Este exército, tão gabado, morre inglòriamente depois de 13 dias de derrotas e retiradas em três frentes. Morre desorganizado pelo rápido avanço dos exércitos russos e pelo deflagrar de revoltas na Manchuria, á retaguarda das linhas japonesas. Os oficiais russos verificaram, quando da rendição, que as fôrças nipónicas estavam de tal maneira desorganizadas que o Q. G. não conseguia comunicar com todas as divisões em fuga, ás quais até agora não foi possivel comunicar a capitulação. Foi este o motivo por que a luta continuou.

Os restos dispersos do exército japonês que se recusam á rendição correspondem aos «lobishomens» nazis e são chamados pelos russos «lobos das estepas». Esses grupos japoneses espalham-se pelo interior da Manchuria procurando dificultar as comunicações russas e aterrorizando os chineses nas aldeias e nas herdades. A existencia desses grupos não é acidental; foi planeada pelo comando japonês. Esses pequenos nucleos nipónicos são constituidos por homens perigosos, bem armados e que levam consigo os generos alimenticios necessarios. Muitas vezes disfarçam-se em civis chineses e outras vezes envergam uniformes russos. Entretanto, colunas móveis russas, especialmente organizadas, já iniciaram a caça aos «lobos das estepas», tendo-se dado recontros nocturnos violentos.—(Reuter).

Tropas chinesas entraram na Indochina

CHUNG-KING, 22 — Anuncia-se que as tropas chinesas entraram na Indochina e ocuparam Caobang, situada a 100 milhas ao norte de Hanoi, em 20 do corrente mês. Estão presentemente a dirigir-se para Hanoi.—(U. P.).

Aviadores salvos por submarinos

GUAM, 22—O Quartel General do almirante Nimitz anunciou esta manhã que os submarinos norte-americanos salvaram 227 aviadores americanos, ao largo das costas das ilhas metropolitanas japonesas, entre 28 de maio e 15 de agosto do corrente ano.—(United Press).

Importantes actos de sabotagem nos estaleiros nipónicos

CHUNG-KING, 22.—Os jornais desta capital continuam a afirmar que as tripulações de vários barcos de guerra japoneses, descontentes com a resolução do imperador Hirohito, de aceitar a rendição incondicional imposta ao Japão pelos Aliados, incendiaram ou afundaram as suas unidades e praticaram importantes actos de sabotagem nos estaleiros de construções e reparações navais de Tóquio e de outras cidades japonesas.—(U. P.).

A segurança dos Estados Unidos

WASHINGTON, 22 — O almirante King declarou que, por mais altruistico que seja o povo americano, nunca deverá deixar que a segurança nacional dependa só da boa vontade de outras nações; os Estados Unidos devem reter o «contrôle» de todas as áreas maritimas consideradas necessárias á defesa nacional da América.—(U. P.).

O Congresso Radical-Socialista

(Continuação da 1.ª pag)

Uma e outra exigem, de resto, a responsabilidade imediata do executivo perante a Constituinte.

Mas tudo isto é pouco definido. Vejamos, por exemplo, Eduardo Herriot, que não esconde as simpatias por uma organização do Estado em conformidade com as normas de 1875, adere ao «movimento unificado do renascimento francês», que se aproxima dos comunistas, ardentes partidários de uma só Assembleia. Quererá esta atitude significar que Herriot se opõe a Daladier, e voltaremos a assistir a torneios entre «os dois Eduardos»? Será por motivos eleitorais?

Ainda por cima, o programa do velho partido parece esgotado. Para o renovar, seria preciso recuar bastante na sua história, ir até ao famoso programa de Belleville, que exigia novos monopólios do Estado, isto é, de acôrdo com uma expressão mais moderna, nacionalizações. Mas não seria isto que o poderia distinguir especialmente dos outros partidos, que êles também têm o seu programa de profundas reformas de estrutura económica. A unica singularidade do partido radical e radical-socialista seria, portanto, em definitivo, pronunciar-se a favor de uma organização politica bastante semelhante áquela que a catástrofe de 1940 destruiu. Quási diriamos que o partido radical tem, em suma, um passado magnifico atrás de si, porque encarnou durante muito tempo a III Republica. Mas não devemos esquecer êsse estado de espirito a que acima nos referimos. Bem poderia, depois de um periodo mais ou menos longo, materializar-se noutros quadros diferentes dos actuais e rejuvenescer mais uma vez o velho partido da rua Valois.

REMY ROURE

Herriot apela para a manutenção da aliança com a Grã-Bretanha

PARIS, 22.—O discurso que o antigo chefe do Govêrno francês, Edouard Herriot, proferiu ontem á noite na sessão do Congresso do Partido Radical-Socialista, teve como nota dominante o apêlo para a manutenção da amizade e aliança com a Grã-Bretanha.

Edouard Herriot disse que em 1940 pedira a Churchill, do mais fundo do coração, que não abandonasse a França. E acrescentou «Churchill, êsse homem enérgico, chorou e sem uma palavra apertou-me as mãos. Estou certo da sua afeição por nós, tão certo como das dos seus compatriotas. Sejamos fieis á nossa aliança com a Grã-Bretanha».

Herriot prestou, também grande homenagem aos Estados Unidos.

Abordando a política interna, Herriot citou de novo a Grã-Bretanha como exemplo. O povo britanico, disse, realizou uma grande mudança política, mas essa mudança efectuou-se dentro das imutáveis instituições britanicas. «Eis um bom exemplo para nós meditarmos», acrescentou.

Herriot afirmou que a futura Republica francesa deve ter um Parlamento formado de duas Camaras, «pois não há motor que trabalhe sem travão. O grande problema da França é libertar a Republica, agora que foi libertada a França».—(R.).

Daladier defende-se das acusações feitas á política de Munich

PARIS, 22.—O antigo Presidente do Conselho, Edouard Daladier, falou ontem no Congresso do Partido Radical-Socialista francês, respondendo ás acusações lançadas contra aquêles que representaram a França e o Partido Radical-Socialista no periodo mais critico entre as duas guerras.

Daladier disse: «Na altura de Munich tôdas as fôrças amantes da liberdade tiveram de ser postas de sobreaviso contra a agressão iminente. Eu provarei por documentos os esforços que realizei para edificar uma frente unida anti-nazi, em 1938. Mas nessa altura faltava o cimento. Foi fornecido por Hitler e pelo Japão quando atacaram a Russia e a América. Sempre acreditei que com Hitler não poderia haver segurança colectiva».

Daladier prosseguiu relembrando os principais acontecimentos diplomáticos de 1939, e acrescentou. «A Austria foi encorporada na Alemanha e a Checo-Eslováquia cercada e desarmada. No decurso das conferências que se realizaram em Londres, disse repetidas vezes aos britanicos que não se tratava de deixar os alemães encorporar os territórios de lingua alemã, mas que tinhamos de tratar com um plano pré-estabelecido de dominação que nos engolfaria a todos, se a Russia e nós próprios não interviessemos. Chamberlain era de opinião de que a mediação podia evitar o perigo ameaçador e não era êle só que tinha essa maneira de ver. Já em 1936 os comunistas prégavam o entendimento a todo o custo, mesmo com regimes totalitários. A Polónia e a Roménia recusaram permitir ás tropas russas a passagem pelos seus territórios no caso de guerra, e em 31 de agosto de 1938, Litvinov, numa resposta ao nosso representante em Moscovo, referia-se á fraqueza da tese da Sociedade das Nações. Que podia o Govêrno francês realizar depois de ter redobrado os seus esforços durante tantos meses?»

Daladier terminou por dizer:

«Quando regressei a França, sonhava com uma nova França ressurgindo dos seus sofrimentos. Acreditava que as fôrças da resistência cimentariam uma grande união republicana. Dessas fôrças resta apenas o seu chefe, general De Gaulle, que é um símbolo da honra nacional. No que respeita ao grosso dos membros da resistência, perderam-se aqui, ali, em pequenas rivalidades eleitorais. Não desejo um Estado todo poderoso que domine tôda a vida politica e económica e que assim venha a fazer renascer o totalitarismo».—(R.).

Explosão de bombas

num hotel de Jerusalem

JERUSALEM, 22—Explodiram duas bombas no Appinger Hotel, de propriedade alemã, na cidade de Haifa, que causaram pequenos estragos, mas nenhuma vitima. 2

As explosões seguiram-se á distribuição de panfletos protestando contra a libertação de internados alemães na Palestina e advertindo o publico para se manter fora do hotel.

Uma rapariga judia de 17 anos foi presa, por ser encontrada com muitos panfletos.—(Reuter).

O debate na Câmara dos Comuns

(Continuação da 1.ª pag)

tar tôda a especie de inflacção que se produziu em 1918. O govêrno manterá o dominio económico essencial na produção, domínio económico que não é apenas um instrumento de restrições, obstruções e interferências, mas que é realmente um instrumento de politica nacional construtiva.

O govêrno estabelecerá em primeiro lugar as seguintes prioridades nacionais: alojamento, carvão, produção de géneros e produção para exportações.

Falou depois de uma politica a longo praso que tem em vista uma Grã-Bretanha livre e próspera.

Em tudo o que expôs não se achava ameaça real para as liberdades civis ou para as liberdades reais do individuo.

Morrison concluiu: «O nosso fim é uma Grã-Bretanha livre, democrática, eficiente e progressiva, uma Grã-Bretanha cujos recursos materiais se organizem e sejam postos ao serviço do pôvo».—(R.).

Uma moção para acautelar o uso da bomba atómica

LONDRES, 22.—Nove deputados trabalhistas, tôdos novos, vão interpelar o govêrno sôbre a bomba atómica. Estabeleceram uma moção, pedindo o «controle» completo das pesquisas da bomba atómica, «controle» que deve ser posto nas mãos de um centro internacional para garantir que no futuro não haje desenvolvimento da bomba por qualquer país para os seus próprios fins.

A moção apresentar-se-á sob a forma de emenda a uma moção que será apresentada hoje pelo secretário dos Estrangeiros, Ernest Bevin, pedindo á Camara que aprove a ratificação da Carta das Nações Unidas. A emenda acrescentará as seguintes palavras á moção de Bevin: «e expressa, além disso, a opinião de que as propostas de segurança contidas nesta Carta se tornaram inadequadas pela bomba atómica, devendo o govêrno tomar as medidas necessárias para chamar a atenção das Nações Unidas para a necessidade de: Em primeiro lugar, criar um centro de pesquisas e produção em relação com o poder atómico, orientado por tecnicos e sábios internacionais; em segundo lugar, que êsse centro tome sobre si as fábricas e pesquisas já existentes sobre o assunto e em terceiro lugar que seja instituido um sistema de inspecção internacional de laboratórios nacionais e fábricas de produção para garantir que o desenvolvimento da energia atómica se não realize para fins puramente nacionais».

Quando a emenda se tornou conhecida, ontem á noite, causou o maior interesse. E' provável que muitos outros membros do Parlamento a subscrevam.—(R.).

Eloisa y Larriut

Bailarinos de fama internacional

HOJE

no

ESPELHO D'AGUA

Entrada livre

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ

LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES

Rua S. Justa 105 - T 27527